

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**INVESTIMENTO/DESINVESTIMENTO PEDAGÓGICO: COMPREENDENDO  
CARACTERÍSTICAS DA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA QUE PODEM  
LEVAR O PROFESSOR A INVESTIR/DESINVESTIR NO TRABALHO**

**Yuri Moreira de Lima Júnior**

**Porto Alegre, dezembro de 2012.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**INVESTIMENTO/DESINVESTIMENTO PEDAGÓGICO: COMPREENDENDO  
CARACTERÍSTICAS DA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA QUE PODEM  
LEVAR O PROFESSOR A INVESTIR/DESINVESTIR NO TRABALHO**

**Yuri Moreira de Lima Júnior**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em  
Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Elisandro Schultz  
Wittizorecki

Porto Alegre, dezembro de 2012.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	4
2. REFERENCIAL TEÓRICO .....	8
2.1 Trabalho docente.....	8
2.2 Trabalho docente do professor de Educação Física.....	11
2.3 Investimento e desinvestimento dos professores no trabalho docente.....	15
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
3.1 Questão de pesquisa .....	22
3.2 Natureza do estudo .....	22
3.3 Procedimentos .....	23
3.4 Colaboradores .....	23
3.5 Instrumentos para coleta de informações .....	24
3.6 Tratamento das informações .....	24
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES .....	25
4.1 Características e condições de docência em Educação Física escolar que viabilizam processos de investimento pedagógico .....	25
4.2 Características e condições de docência em Educação Física escolar que viabilizam processos de desinvestimento pedagógico .....	29
4.3 Investimento/desinvestimento pedagógico e sua influência nos percursos docentes .....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	36
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICES.....	41
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	41
Apêndice B – Roteiro de questões para a entrevista.....	42
Apêndice C – Exemplo de entrevista semiestruturada .....	43
Apêndice D – Fragmento do diário de campo.....	54
Apêndice E – Lista das unidades de significado identificadas.....	55

## RESUMO

O trabalho docente se articula em torno de diversos aspectos, os quais, juntamente a elementos específicos da cultura escolar e da cultura docente do professorado em Educação Física, viabilizam determinadas condições de docência para estes professores. O presente estudo tem como objetivo compreender e investigar esses aspectos da docência em Educação física que podem levar o professor a investir/desinvestir no seu trabalho. Essa pretensão se justifica pela necessidade de melhor entendimento de como as condições do contexto escolar e dos percursos pessoais dos docentes de Educação Física podem influenciar no seu desenvolvimento profissional e na mobilização à realização de seu trabalho. Para tanto, metodologicamente, será empreendido um estudo descritivo. Durante a coleta de informações, foram entrevistados três docentes de Educação Física de escolas públicas de Porto Alegre/RS, além do registro de minhas impressões deste processo e de informações relevantes ao estudo em um diário de campo. As entrevistas foram gravadas com um gravador digital com a autorização do respectivo docente. Logo após foram transcritas e então apresentadas aos docentes para sua aprovação. A análise de conteúdo foi utilizada como estratégia analítica, de modo a construir categorias que trouxessem subsídios para compreender o problema de pesquisa. O trabalho de campo me permitiu entender que existem diversas características e condições que possibilitam um processo de investimento/desinvestimento pedagógico no seu trabalho. Ao analisar as entrevistas, os possíveis fatores que viabilizam esses processos vão desde a escolha dessa profissão juntamente da história de vida do professor, passando por características específicas da profissão (espaço físico, materiais, etc.), até questões sociais e de relações interpessoais no ambiente de trabalho. Assim, considerando essas características que viabilizam esses processos, pude compreender também, através das entrevistas e do diário de campo, sua influência no percurso docente desses professores, traçando relações entre os fatores e como o professor reage a essas condições.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar. Professores de Educação Física. Investimento pedagógico. Desinvestimento pedagógico.

## ABSTRACT

The teaching is structured around various aspects, which, along with specific elements of the school culture and teaching culture of teachers in physical education, teaching enable certain conditions for these teachers. This study aims to understand and investigate these aspects of teaching in physical education that can lead teachers to invest / disinvest in their work. This claim is justified by the need for better understanding of how the conditions of the school context and the personal journeys of physical education teachers can influence their professional development and mobilization to carry out their work. Therefore, methodologically, a descriptive study will be undertaken. During data collection, we interviewed three teachers of physical education in public schools in Porto Alegre / RS, and the record of my impressions of this process and information relevant to the study in a field journal. The interviews were recorded with a digital recorder with the permission of their teacher. Soon after were transcribed and then presented to the faculty for approval. The content analysis was used as analytical strategy in order to construct categories to bring benefits to understand the problem research. The fieldwork allowed me to understand that there are different characteristics and conditions that enable a process of investment / disinvestment in their pedagogical work. In analyzing the interviews, the possible factors that enable these processes ranging from choosing this profession together with the life story of the teacher, through specific characteristics of the profession (physical space, materials, etc..) to social issues and interpersonal relationships desktop. So considering these characteristics that enable these processes, I also understand, through interviews and field journal, its influence on these teachers teaching career, tracing relationships between factors and how the teacher reacts to these conditions.

**Keywords:** Physical Education. Physical Education teachers. Educational investment. Educational Disinvestment.

## 1. INTRODUÇÃO

Após estudar na teoria o funcionamento da escola e do trabalho docente, ingressei em um novo universo: a docência na escola, através das experiências propiciadas pelos estágios curriculares durante o curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do sul. O processo de entrada na escola, que muitas vezes é impactante, nos exige ressignificar os conhecimentos adquiridos anteriormente e que, muitas vezes, pouco se conectam com as demandas da prática pedagógica: ou seja, a experiência da docência é uma continuação da formação do professor.

O universo escolar traz consigo uma série de fatores que devem ser levados em conta para uma maior compreensão e realização do trabalho docente, tais como as relações interpessoais com o corpo docente e discente e o cumprimento de obrigações previstas nesse ambiente, por exemplo, o perfil da escola e os planos político-pedagógicos. Outros fatores têm uma relação direta com a docência em Educação Física, como a utilização dos espaços destinados à prática de atividades e os materiais existentes para sua realização. Diante disso, uma adaptação pessoal e dos conhecimentos prévios se faz necessária para o ingresso no ambiente escolar.

Levando em conta a complexidade do universo escolar, temos que os variados fatores têm suma importância no trabalho docente, sendo eles dependentes de uma situação específica - contexto escolar variado – e assim posso pensar na seguinte questão: esses fatores influem, direta ou indiretamente, na motivação do professor para realizar seu trabalho docente? Aprofundando esse pensamento para uma das diversas questões encontradas na realidade escolar, um professor com uma maior disponibilidade de materiais, por exemplo, teria uma maior motivação para a prática da docência?

Tendo em vista esses levantamentos, busco nessa pesquisa entender os aspectos que mobilizam e desmobilizam o docente em Educação Física a realizar seu trabalho. A partir disso, é possível analisar tais fatores sob um ponto de vista mais complexo, no qual a interdependência dos mesmos - encontrados no ambiente escolar, juntamente de outros aspectos relacionados à formação pessoal e história de vida - forma o processo de investimento/desinvestimento (MACHADO, 2010 e

FARIA, 2010) do professor de Educação Física para a realização do trabalho docente.

A compreensão desses processos me ajuda a entender melhor como as condições do contexto escolar e do contexto pessoal do professor de Educação Física se relacionam e de que maneira elas poderiam influenciar na realização da docência como um todo. Envolvendo desde suas relações interpessoais até o planejamento de práticas inovadoras, busquei no presente estudo compreender algumas características da docência em Educação Física que viabilizam processos de investimento e de desinvestimento pedagógico ao professor, na realização de seu trabalho.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo compreender e investigar esses aspectos da docência em Educação física que podem levar o professor a investir/desinvestir no seu trabalho. Essa pretensão se justifica pela necessidade de melhor entendimento de como as condições do contexto escolar e dos percursos pessoais dos docentes de Educação Física podem influenciar no seu desenvolvimento profissional e na mobilização à realização de seu trabalho.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Trabalho docente

De acordo com Tardif (2009), o ensino era visto como uma ocupação secundária ou periférica em relação ao trabalho material e produtivo, logo, a docência e seus agentes ficariam assim subordinados à esfera da produção, cuja missão seria preparar os filhos dos trabalhadores para o mercado de trabalho. A partir disso, era possível perceber que o tempo de aprendizado era desvalorizado, onde o ensino seria uma mera preparação para o futuro, no caso, o de trabalho produtivo. Porém essa visão está de certo modo equivocada, pois, longe de ser uma ocupação secundária ou periférica, o trabalho docente constitui uma das chaves para a compreensão das transformações atuais das sociedades do trabalho.

O trabalho docente, diferente do trabalho material e produtivo, utiliza-se das relações interpessoais, onde existe o trabalhador e um ser humano que usufrui de seus serviços, ou seja, o “objeto de trabalho” seria outra pessoa, induzindo assim a interação humana, devido a isso, não se pode delimitar o trabalho docente como é feito com o trabalho voltado para a produção. É importante destacarmos que no trabalho docente as pessoas são a “matéria-prima” do processo de trabalho interativo, assim, o mesmo depende de diversos fatores internos e externos, relacionados a ambas as partes para sua realização.

Dentre esses fatores podemos citar o ambiente escolar, uma instituição com valores, objetivos, regras, e metodologias próprias que estão predispostas de maneira impositiva, na qual o trabalhador – no caso o professor – deverá adequar-se. O trabalho docente então se desenvolve num espaço já organizado, onde as consequências para as ações tomadas pelos trabalhadores já estão estabelecidas. Assim, o professor enfrenta um ambiente também burocrático, com normas de gestão e de organização do trabalho provenientes do ambiente industrial e administrativo, conforme Tardif (2009). Essa adequação/ambientação do professor à instituição é um fator primordial para a docência, também devemos levar em conta que o trabalho docente é realizado com pessoas, no caso os alunos, os quais são mutáveis, havendo então a necessidade de adaptação dos professores à realidade dos mesmos.



Dentro disso, posso citar o fator da criação de vínculos, ocorrendo com a gestão, com o corpo docente e com o corpo discente, de maneira a facilitar as relações interpessoais, e nesse contexto, levando em conta, então, a ética do trabalho e a boa conduta, indispensáveis no ambiente escolar. A criação de vínculos com os alunos facilita a relação interpessoal envolvida e na elaboração de um plano de trabalho além de proporcionar ao professor maior conhecimento sobre sua turma.

Segundo Tardif (2009), outro fator é a resistência dos alunos ao professor e às ações que lhe são propostas, pois, os mesmos encontram-se obrigados a frequentar a escola até a idade prevista em lei. Surgindo assim uma necessidade quase constante de “motivar” a participação dos alunos no seu trabalho de ensino e aprendizagem.

A docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores (TARDIF, 2009, p. 35).

Logo, é preciso convencê-los que “a escola é boa para eles”, numa tentativa de “trazer para a aula” os alunos que oferecerem resistência. Todavia, como o trabalho docente é realizado com coletividades, deve-se refletir sobre até que ponto o professor deve interromper o coletivo por causa do individual, pois há uma necessidade de uma igualdade de tratamento na turma.

Os fatores relacionados ao funcionamento do ambiente escolar, suas normas, regras e padrões, delimitação do ano letivo e do tempo a ser utilizado por cada professor na docência, o mesmo com suas obrigações e exigências feitas pela escola, toda a parte burocrática envolvida, atividades previsíveis, tudo isso caracteriza um “trabalho codificado<sup>1</sup>” (TARDIF, 2009) denotado por aspectos formais a serem cumpridos. Por outro lado, seguindo a idéia de Tardif (2009) posso observar os aspectos informais, os quais são indeterminados, imprevistos, podem surgir dependendo de uma situação específica, caracterizando um trabalho não-codificado. Esses elementos são aqueles nos quais o professor tem uma margem para intervir, para interpretar, não estando preso as normas e as obrigações impostas pelo

---

<sup>1</sup> Na sua obra “O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas”, Tardif descreve o trabalho codificado como sendo o que é rotineiro na profissão, como: obrigações formais, cargas institucionais, normas e regulamentos. Tudo que tem um caráter previsível e segue uma rotina é considerado pelo autor, um trabalho codificado.

ambiente escolar. Nesses aspectos informais o professor tem autonomia para utilizar da sua personalidade no processo de intervenção, seus conhecimentos e experiências anteriores podem definir sua maneira de agir e interpretar situações mais flexíveis que estão presentes na docência.

Conforme Tardif (2009), a experiência pode ser vista como um processo de aprendizagem espontânea que permite ao trabalhador adquirir certezas quanto ao modo de controlar fatos e situações do trabalho que se repetem. Então adquirindo, ou melhor, construindo experiências, o professor estaria mais bem preparado ao enfrentar situações iguais ou parecidas com aquelas já vividas, adicionando assim à prática do saber ensinar.

O trabalho docente então se constitui a partir de uma relação entre o trabalho codificado e o trabalho não-codificado, ele possui aspectos formais e informais, onde ocorrem situações controladas e previstas, mas também ocorrem situações nas quais é necessária uma maior autonomia do professor. Burocratização e indeterminação da tarefa, generalidade dos objetivos educativos e rigidez dos programas e recursos didáticos, universalidade do mandato e individualidade dos alunos, rotina das tarefas e imprevisibilidade dos contextos de ação (TARDIF, 2009), essas e outras experiências atuam como parte de uma construção individual, como formadoras de uma identidade docente. Complementando o parágrafo acima, Folle et al. (2009) pontua:

A carreira docente é permeada por desafios, dilemas e conquistas que repercutem no processo de como o professor percebe-se e sente-se no ambiente de trabalho, na busca da realização pessoal e profissional (p. 25).

Levando em conta a complexidade do trabalho docente e considerando suas peculiaridades, posso compreender que existe uma relação direta entre os fatores que caracterizam a docência e o modo como o docente irá reagir ao enfrentá-los. Trazendo um exemplo: ao ingressar no ambiente escolar o professor irá se deparar com aspectos de um trabalho codificado, tendo obrigações e exigências previstas pela escola e sua gestão, as quais deverá cumprir. Dependendo de que maneira for cobrada a realização dessas obrigações (hierárquica ou dialogicamente), o docente poderá reagir de maneira positiva ou negativa, poderá investir ou desinvestir no trabalho em decorrência disso. Exemplificando sob a perspectiva do trabalho não-

codificado tenho a diversidade dos alunos que serão encontrados nos espaços de trabalho, o professor terá de lidar com alunos cooperativos e/ou que possivelmente irão desafiar sua autoridade. Diante disso terá que se adaptar, tendo uma reação a qual poderá contribuir em um processo de investimento/desinvestimento pedagógico.

## 2.2 Trabalho docente do professor de Educação Física

De acordo com Wittizorecki (2005), o trabalho docente não acontece isolado no interior das instituições escolares, ele é atravessado por um amplo universo que caracteriza o nosso cenário social, inter-relacionando-se com uma organização político-econômica que é definida de acordo com o capitalismo e de acordo com uma organização sociocultural que se encontra em transformação. Fazem parte do trabalho docente atividades que necessitam o envolvimento do professor “além da sua aula”, seja pela participação em reuniões e assembleias administrativas, o planejamento, execução e avaliação de sua intervenção educativa, a confecção e manutenção de materiais a serem utilizados em aula, processos de reflexão pessoal e/ou coletiva de sua prática pedagógica, entre outros.

Associado a isso, posso observar que na docência em Educação Física existe um trabalho em comum com as outras disciplinas para com os objetivos e interesses de uma respectiva escola, porém deve-se considerar que também existe um trabalho específico relacionado a esse trabalho docente. Trata-se da singularidade encontrada na área, que é manifestada através dos seus conhecimentos e práticas. Tal especificidade abrange desde as relações interpessoais com alunos, direção da escola e demais professores, até o uso de materiais e espaços físicos que se fazem necessários para a realização e construção de uma cultura corporal.

Considerando relatos presentes no estudo de Wittizorecki (2012), tenho que a questão do autoconhecimento se torna importante no trabalho docente em Educação Física, à medida que é necessária para a realização de uma ressignificação de si próprio. A partir disso, compreendendo as limitações de si e da profissão, poderá tornar-se mais ciente de suas dificuldades e possibilidades, para então se ajustar melhor às suas singularidades.

Em seu estudo, Wittizorecki (2005), cita quatro elementos fundamentais para a construção do professorado em Educação Física: os dilemas e inquietações

emergentes da realização de seu trabalho diário, os saberes e estratégias construídos para dar conta desses dilemas e inquietações, a maneira a qual entendem o papel da docência e as transformações necessárias para acompanhar esse professorado. Esses elementos então devem ser articulados à realidade do docente, realidade que está sujeita à mudanças de acordo com possíveis interesses da instituição e da sociedade.

Para podermos citar as singularidades encontradas na profissão, devemos primeiramente entender seu contexto de diferenciação para com outros docentes que já está instalado. Quanto à imagem do professor de Educação Física, seguindo a idéia de Molina Neto (1998), podemos descrevê-lo a partir da roupa que veste (esta mais confortável para realização de práticas corporais), quanto aos materiais, diferenciados (apito, bolas, arcos), quanto ao local da realização da aula (espaços externos, pátio), isso tudo aliado a sua participação escolar, relacionada à cultura corporal de movimento, me traz certa marca do docente da área. Posso perceber mais dessa diferenciação através do trecho a seguir:

A sala do professorado de educação física, em relação à dos demais professores, se diferencia em muitos aspectos: a) por ser informal e simples, já que num único ambiente estão os móveis improvisados, aquecedores de água para o café e o chimarrão, geladeira, caixas com os materiais esportivos ao lado do arquivo de documentos e materiais de escritório e mesa de trabalho coletiva; b) por sua localização na escola (perto dos equipamentos esportivos); c) pela presença frequente dos alunos; d) e por alguns símbolos que refletem a história da disciplina: a presença obrigatória de uma balança ergométrica que indica seu vínculo com o âmbito da prevenção da saúde, como também os materiais para as festividades cívicas, bandeiras do país, do estado e da cidade (MOLINA NETO, 1998, p. 37).

Em seu estudo, Molina Neto (1998) me passa a ideia de que o professor de Educação Física constantemente enfrenta situações adversas – como exemplo o baixo salário mensal e os materiais inadequados – que lhe oferecem a oportunidade de desenvolver um trabalho criativo. O autor também me passa a ideia de que além de um horário carregado, no âmbito escolar, ao docente são solicitadas tarefas que não deveriam ser de sua competência prevista na parte política, como exemplo, organizar atividades esportivas e festas, onde não existe um amparo da instituição e nem uma compensação por isso. Apesar de proporcionar então a oportunidade de desenvolver um trabalho criativo e inovador, também se abre espaço para um ambiente que tem como característica a omissão e a inércia.

Diante disso, outra realidade encontrada é o *status* inferior da Educação Física em relação às disciplinas escolares de cunho mais intelectual. Considerando a escola moderna, que tem como característica fundamental a sobrevalorização da base intelectualista, os docentes de Educação Física – disciplina prioritariamente prática – se situam em condição de desigualdade no coletivo da escola, na medida em que tem de enfrentar o estigma de “trabalho fácil” ou disciplina de fácil aprovação e pouca exigência (GUNTHER, 2000 apud WITTIZORECKI, 2005).

Aprofundando as singularidades, posso trazer alguns dilemas e limitações que muitas vezes podem ser encontradas na docência em Educação Física, como por exemplo: espaços físicos reduzidos e em estado precário, pouca variedade de materiais e os mesmos em más condições, a possível tensão entre o professor e seus superiores na instituição, a dificuldade de inserir os interesses da escola e do plano político e pedagógico nos objetivos das aulas. O professor então precisa utilizar de experiências pessoais e sua criatividade para conciliar essas dificuldades encontradas no seu cotidiano, se faz necessária uma atitude de prontidão para tomada de decisões frente a diversas situações inusitadas, as quais são inerentes ao âmbito escolar.

Na perspectiva de Perrenoud (1996) citado por Sanchotene (2006), essa capacidade de improvisação que se faz necessária ao professor, juntamente à regularidade das atividades previstas no plano político e pedagógico, e atividades mutáveis que realmente são realizadas, forma os currículos que estão presentes no cotidiano escolar. O autor divide esses currículos em três:

- o currículo formal: que abrange uma cultura digna de se transmitir;
- o currículo real: currículo desenvolvido pelo professor na sala de aula, é resultado de seu planejamento com as interferências dos alunos;
- o currículo oculto: é onde estão as aprendizagens que não constam nos planejamentos.

A partir disso percebo que a improvisação e as regularidades que são utilizadas pelo professor de Educação Física no cotidiano, as quais não constam no planejamento, funcionam como currículo oculto, que carrega aspectos de uma sociedade capitalista. Um aprendizado proveniente do currículo oculto, por exemplo, tem como característica a obediência, a docilidade, as normas e atitudes necessárias para o funcionamento da sociedade atual (SANCHOTENE, 2006).

Também é uma singularidade encontrada na docência em Educação Física, a influência das experiências pessoais - adquiridas ao longo do tempo no ambiente escolar - na construção do trabalho docente. Segundo o estudo realizado por Wittizorecki (2005), essas experiências relacionam-se no respectivo contexto, sendo utilizadas na adaptação das aulas para que “dêem certo”. Em alguns casos esses aprendizados passados, que fizeram parte no processo de formação desse professor, podem limitá-lo a uma zona de conforto, onde as atividades de aula a serem planejadas podem se restringir a suas experiências prévias.

Outra singularidade encontrada na profissão é a hegemonia da cultura esportiva, ela é caracterizada por um modelo tradicional de ensino, que foi construído através do tempo. Essa cultura “esportivista”, encontrada na Educação Física, tem base na influência de espaços e instituições que tratam as manifestações de cultural corporal dessa maneira, além de estar relacionada às experiências anteriores com outros professores que seguiam esse modelo tradicional, também há uma representação construída pelos alunos de que a Educação Física se baseia nisso (WITTIZORECKI, 2005).

Essa situação é retratada no trecho a seguir, a partir de uma fala de um colaborador do estudo de Wittizorecki (2005):

é mais tranqüilo, é mais fácil, tu lidar com a questão esportiva, principalmente com o ensino do futebol, com o ensino do voleibol, porque nossas práticas, nossa formação direcionou muito para isso, vejo a maior dificuldade, justamente, é conseguir fazer com que os alunos vivenciem situações lúdicas, dentro da aula de Educação Física, que consigam fazer mudanças de comportamento em nível afetivo. (professor de Educação Física do II e III Ciclos, 20 anos de experiência docente).

Refletindo sobre a citação acima, posso perceber que a questão histórica de um modelo tradicional se faz presente na atualidade, nesse caso, especificamente a hegemonia do esporte. A partir de experiências próprias em ambientes escolares, percebo que a cultura “esportivista” além de ser o foco de docentes com uma formação mais tradicional, também está impregnada no público escolar, de maneira que crianças de variadas idades e em diferentes anos/ciclos escolares ainda têm uma visão bastante fechada para práticas inovadoras ou que apenas sejam diferentes da prática esportiva.

Essas diversas singularidades se agrupam, formando assim a especificidade que é encontrada na docência em Educação Física. No contexto escolar, essas singularidades terão uma influência sobre o professor, podendo ela ser positiva ou negativa, agregando na formação da identidade docente ou então contribuindo para um esgotamento profissional. Futuramente nesse estudo, irei abordar diversas singularidades, de maneira a tentar compreender sua influência em um processo de investimento/desinvestimento pedagógico.

### 2.3 Investimento e desinvestimento dos professores no trabalho docente

Atualmente, quando se fala de prática docente em Educação Física, logo vem a minha mente diversas inquietações e reflexões possíveis relacionadas, como por exemplo, a falta de materiais, o espaço físico inadequado, alunos sem comprometimento, direção da escola e pais que não entendem a importância da respectiva disciplina. Porém há um assunto bastante pertinente nessa área, professores que por diversos motivos – que serão abordados no presente estudo – acabam se tornando aquele professor que já não planeja mais sua aula, assiste ela a certa distância e já não intervém nos processos de aprendizagem dos alunos, deixando a atividade na maior parte das vezes de livre escolha. Esses professores são mais conhecidos como *professores rola-bola*, e o processo que transformou esse docente em um professor que apenas zela pelo material enquanto a aula acontece é chamado de desinvestimento pedagógico (MACHADO, 2010)

O processo de desinvestimento pedagógico não se limita a apenas um motivo em especial, ele é ocasionado por diversos fatores. De acordo com Huberman (1995) citado por Machado (2010) o respectivo professor estaria passando por uma *fase* de desinvestimento, que ocorre nos períodos finais da carreira docente, na qual seu ofício já não é mais o objetivo central de sua vida. Mais especificamente, segundo Huberman (2000) citado por Folle et al. (2009), a *fase* de desinvestimento era caracterizada por docentes com mais de 35 anos na profissão. Porém segundo Machado (2010), é necessário um desprendimento do termo citado por Huberman (1995), **fase** de desinvestimento - pois este estaria atrelado a uma cronologia - para então haver a possibilidade de uma análise mais ampla, assim propondo esse processo como **estado** de desinvestimento pedagógico, onde o professor continua

trabalhando no ambiente escolar, porém já abandonou o compromisso com a qualidade de seu trabalho docente.

Acredito que a perspectiva citada acima caracteriza melhor o desinvestimento, tratando ele como um processo - ou um estado - onde posso citar um exemplo a partir de experiências próprias durante minha fase escolar, onde o meu professor de Educação Física daquela época era desinteressado nas aulas, não seguia um plano de aula ou projeto político pedagógico para criação e realização das mesmas, o que contribuiu na definição do professor "rola-bola" e em um processo de desinvestimento.

Essa ausência de pretensão do professor com a prática pedagógica, o desinteresse com o planejamento, a não intervenção objetivando um desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos, acaba privando os discentes do acesso à aprendizagem, caracterizando um fenômeno que é citado por Machado (2010) como o de *não aula*. O anterior difere do conceito de aula que tem como características os objetivos envolvidos no planejamento para realização das aprendizagens e desenvolvimento dos alunos, a intervenção do professor enfatizando os objetivos da aula, os quais também podem ser a médio e longo prazo (GONZÁLEZ e FENSTERSEIFER, 2006, p. 739-740 apud MACHADO, 2010).

Em contrapartida a isso, posso observar docentes em Educação Física que se encontram em um estado de investimento pedagógico, onde as práticas realizadas são dotadas de intenção, visando um objetivo previsto em um planejamento prévio e tem caráter fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. No processo de investimento estaria envolvida então, através de (re)significações e contextualizações das teorias pedagógicas, uma prática inovadora que buscaria o rompimento com a idéia do fenômeno de *não aula*. (FARIA, 2010)

É importante compreender que para analisar o processo de investimento e desinvestimento do professor de Educação Física, é necessário considerar os aspectos do contexto escolar em geral (trabalho codificado e não-codificado) e as especificidades do trabalho (status, imagem, espaço físico e materiais diferenciados, cultura corporal, etc.). Todavia, não podemos ignorar o fato de que o professor é uma pessoa, ou seja, sua história de vida correlaciona-se ao seu trabalho (FARIA, 2010). Logo, os fatores pessoais (processo de construção da pessoa do professor, da lógica profissional, de socialização, de lazer, etc) também precisam ser



considerados na análise de ambos os processos, relacionando então aspectos de vida e de trabalho para entender uma situação individual (STADNIK, 2009).

Dentre os fatores que influenciam no processo de investimento/desinvestimento pedagógico, posso citar, primeiramente, a formação do docente. Como exemplo, o currículo antigo de Educação Física, refletindo características da época tinha uma predominância esportiva, currículo que é conhecido, nos dias de hoje, como *tradicional-esportivo* (MACHADO, 2010). Como relatado no estudo de Santos (2009), essa hegemonia esportivista pode influenciar tanto para um investimento pedagógico do docente – o qual se identificaria com os esportes -, quanto para um desinvestimento pedagógico do mesmo, que possivelmente estaria mais atrelado a outras práticas corporais.

Juntamente a isso, outro fator importante seria o impacto inicial ao sair da segurança da teoria na sala de aula e se deparar com a complexidade do trabalho docente na prática. Simplificando, seguindo a idéia de Santos (2009), “a teoria na prática é outra”, frase que define esse enfrentamento e caracteriza uma fase importante na carreira docente. Esse momento pode ser interpretado pelo professor como uma desilusão, pois suas expectativas formadas na teoria não se concretizaram exatamente como previstas, ou como uma fase de novos aprendizados, além de uma reformulação da teoria, agora aplicada à prática.

Diante de novos aprendizados, em conjunto de um processo de investimento, o docente em Educação Física poderá utilizar diversas estratégias para dar um bom seguimento nas aulas, como exemplo, a negociação, o diálogo e a persuasão (SANTOS, 2009). À medida que essas estratégias são bem sucedidas, existe uma contribuição positiva no processo de investimento desse professor, porém, se a resposta dos alunos para com essas estratégias não corresponder às expectativas, o mesmo poderá entrar em um estado de desinvestimento pedagógico por não saber lidar com a devida situação.

Então, com anos de profissão e um grande acúmulo de experiências, o professor pode acomodar-se, como uma recompensa por tantos anos de esforço. Nessa perspectiva, o docente estaria entrando em um estado de desinvestimento por tempo de trabalho (muitas vezes relacionado ao final da carreira do mesmo), onde há um decréscimo no seu nível de ambição e um aumento em sua sensação de confiança e serenidade (SANTOS, 2009). Entretanto, como pode ser observado no estudo de caso de Faria (2010), o tempo de trabalho ou o final de carreira não

necessariamente significaria a entrada desse professor em um processo de desinvestimento, pois, segundo ele, esse acúmulo de experiências e o aumento da confiança podem ser utilizados de diversas maneiras para contribuir na docência, como por exemplo, inovar as práticas em Educação Física, trazendo para as aulas linguagens distintas, tais como citadas no respectivo estudo, a música, a poesia e a literatura.

De acordo com o ponto de vista de Faria (2010), relacionando-se ao que foi citado acima, essa inovação da prática pode contribuir para um estado de investimento. Acompanhado de uma busca por novas formas de pensar, de uma mente aberta e de maneiras para se recriar a prática, o professor pode romper com a idéia de que a aula teórica teria que ser apenas em sala de aula. Trata-se do rompimento com o estigma tradicional de ensino da Educação Física escolar, para a criação de uma prática inovadora que poderá contribuir em uma melhor formação docente e discente, e positivamente em um processo de investimento pedagógico (FARIA, 2010).

Tendo em foco o ambiente escolar, diversos fatores podem influir no processo de investimento/desinvestimento pedagógico. Como sendo um ambiente coberto de regras pré-estabelecidas, dotado de características próprias (método de ensino, planos políticos, possivelmente atrelado a uma religião), com diversas pessoas em diferentes cargos (corpo docente, gestão da escola), é necessária uma adaptação do professor ao ingressar no mesmo. Adaptação que segundo Wittizorecki (2012), pode não ocorrer devido a fatores sociais e de condições pessoais, assim podendo trazer o professor para um estado de desinvestimento.

Segundo Faria (2010), os seguintes fatores, encontrados no ambiente escolar, poderão ocasionar um processo de desinvestimento pedagógico: a falta de trabalho coletivo (questões burocráticas e administrativas), formas de gestão hierarquizadas (relações verticais), falta de uma prática reflexiva e um isolamento profissional. Esses aspectos denotam a importância das relações interpessoais no ambiente de trabalho, além da necessidade de um momento de integração e reflexão para um melhor desenvolvimento da profissão. Contudo, como citado por Santos (2009), a administração da escola pode cooperar e auxiliar o docente em seu trabalho, gerando amizades, aprendizados e reconhecimento pessoal, contribuindo assim para um estado de investimento pedagógico. Situação que poderá ser aprimorada, também, através da criação de grupos de discussão e planejamento

coletivo, visando reduzir o isolamento profissional e incentivando a prática reflexiva (FARIA, 2010).

Levando em conta a especificidade do trabalho do professor de Educação Física, dois aspectos importantes para sua realização são o espaço físico e os materiais a serem utilizados. Diante do ponto de vista encontrado no estudo de Faria (2010), quando ambos os aspectos citados anteriormente se encontram em condições precárias, o docente poderá ingressar em um estado de desinvestimento. Em contrapartida, levando em conta experiências pessoais, acredito que apesar de esses aspectos dificultarem a prática da docência, eles também são capazes de instigar o professor a criar novas maneiras de realizar sua aula, ocasionando um estado contrário ao encontrado na idéia de Faria (2010) acima.

Enfatizado por Santos (2009), a análise da biografia do professor é de suma importância para o entendimento do processo de investimento/desinvestimento pedagógico. Ao ingressar na docência e durante a carreira, o profissional traz consigo uma série de experiências pessoais que estão atreladas à sua identidade e que poderão influir em suas aspirações quanto ao professorado e quanto ao resultado de sua prática como um todo. Conforme a idéia de Santos (2009), a incapacidade de levar à prática os seus ideais pedagógicos e a não realização de desejos pessoais e aspirações no ambiente de trabalho podem frustrar o docente. Isso, juntamente da falta de reconhecimento quando realizadas práticas inovadoras (FARIA, 2010), poderá contribuir para sua entrada em um processo de desinvestimento pedagógico.

O estudo de Santos (2009) vai trazer a idéia de que no início da docência existe um “período de choque com o real”, um período de “sobrevivência” em que ocorre o confronto da prática com a teoria. Esse período de choque é caracterizado pela entrada do professor num ambiente novo, supostamente desconhecido, pois já fora abordado na teoria. Esse choque com o novo pode assustar e causar inquietações em docentes recém ingressantes no ambiente escolar. Com esse choque inicial, o professor pode ser influenciado à busca de conhecimentos para suprimir essas inquietações, o que contribuiria em um processo de investimento. Por outro lado, esse baque inicial pode ir de encontro com as expectativas do professor, não acontecendo da maneira que o mesmo esperava, esse período teria influência em um processo de desinvestimento pedagógico.

Ainda retomando a biografia do docente, para a melhor compreensão dos estados em que o mesmo se encontra, é preciso levar em conta alguns processos que podem provocar distúrbios diretos na vida do professor. A infelicidade, insatisfação e a sobrecarga de trabalho encontrada na profissão, o isolamento do professor de Educação Física, a multiplicidade de papéis exercidos pelo docente, as relações interpessoais no ambiente escolar, além de outros fatores – citados no presente estudo – que podem levar a um desinvestimento pedagógico, tudo isso em conjunto poderá causar no professor a Síndrome do Esgotamento Profissional como abordado por Santini (2005).

Essa síndrome pode ser caracterizada, segundo Freudenberger (1994) citado por Santini (2005), como um sentimento de fracasso e exaustão, que fora causado por um excessivo desgaste de energia, o que acaba por ocasionar comportamentos de fadiga, depressão, rigidez, irritabilidade e inflexibilidade. Juntamente a isso, conforme Remor (2002) citado por Santini (2005), pode ocorrer um distanciamento emocional do professor com os alunos. Tendo conhecimento sobre essa síndrome, através de experiências próprias, posso observar que diversos professores de Educação Física conhecidos como “rola-bola”, além de se encontrarem em uma fase de desinvestimento pedagógico, também demonstravam sintomas da Síndrome do Esgotamento Profissional.

Conforme relatos encontrados no estudo de Wittizorecki (2012), observo a existência de um fator importante o qual pode contribuir para um investimento/desinvestimento pedagógico, a remuneração. Um salário baixo pode influenciar negativamente o professor para com a profissão, assim como um salário alto pode influenciá-lo positivamente. Porém, deve-se levar em conta, seguindo a idéia do estudo citado acima, que um salário baixo possa levar o professor a trabalhar em mais de um lugar para manter sua qualidade de vida, assim aumentando sua jornada de trabalho e diminuindo o tempo para planejamentos e reflexões e assim possivelmente contribuindo para um desinvestimento pedagógico.

Tanto no estudo de Porath et al. (2011) quanto no estudo de Folle et al. (2009), houve relatos de colaboradores, nas respectivas pesquisas, que reclamavam da falta de apoio do governo para com a profissão, além da grande insatisfação com a progressão nos planos de cargos. Conforme a idéia de ambos os estudos, esse descaso e “abandono” da educação pelo governo tornou-se uma fonte de desilusões

para a carreira docente. Fatores os quais podem ser observados na atualidade em nosso país, e possivelmente influenciarem em um processo de desinvestimento.

Portanto, é possível observar que para compreender o processo de investimento/desinvestimento pedagógico do professor de Educação Física deve-se levar em conta a complexidade desses processos, a qual pode ser observada considerando os diversos elementos apresentados nesta revisão. Desde o currículo oculto até o trabalho codificado, desde a capacidade de improvisação e criação – necessárias ao docente de Educação Física em diversas situações do seu trabalho – até as especificidades que se encontram na respectiva profissão, também permeando o contexto escolar em que se está incluído, além da necessidade de se analisar aspectos pessoais de cada docente, todos esses fatores são fundamentais na análise do processo de investimento/desinvestimento pedagógico, além de possivelmente estarem envolvidos nesses processos, influenciando-os (direta ou indiretamente) de maneira positiva ou negativa.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### 3.1 Questão de pesquisa

Que características e condições de docência em Educação Física escolar viabilizam processos de investimento e de desinvestimento pedagógico ao professor deste componente curricular no seu trabalho?

##### 3.1.1 Objetivos Específicos

Identificar características e condições de docência em Educação Física escolar que viabilizam processos de investimento pedagógico ao professor deste componente curricular no seu trabalho na escola;

Identificar características e condições de docência em Educação Física escolar que viabilizam processos de desinvestimento pedagógico ao professor deste componente curricular no seu trabalho na escola;

Compreender como estes processos de investimento e desinvestimento pedagógico influenciam no seu percurso docente.

#### 3.2 Natureza do estudo

Foi utilizado o estudo descritivo, o qual é caracterizado por Gil (1996) como uma pesquisa que tem como objetivo principal a descrição de peculiaridades de uma população ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. Também é colocado pelo autor que o estudo descritivo utiliza-se de técnicas padronizadas de coleta de dados, como exemplo o questionário e a observação sistemática.

Esse método foi empregado no presente estudo, pois é o que melhor se ajusta ao seu objetivo, dadas as condições de tempo e espaço para tal estudo. Além de observar e descrever fatores, a pesquisa buscou relações e interpretações acerca das informações levantadas, de modo a avançar na compreensão do problema de pesquisa formulado.

### 3.3 Procedimentos

Inicialmente o projeto de pesquisa deste estudo foi avaliado e aprovado para realização, pela Comissão de Pesquisa da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no segundo semestre de 2012.

Para a coleta de informações, realizei três entrevistas com três professores de diferentes escolas públicas da grande Porto Alegre/RS. Inicialmente conversei e negocieei com os professores de Educação Física sua participação no estudo. Aos docentes que concordarem com a participação, apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), o qual foi assinado pelos mesmos. Para manter o anonimato dos professores, seus nomes, quando citados no presente estudo, foram substituídos por nomes fictícios.

O critério utilizado para a escolha dos docentes foi a diversidade de contextos encontrada, pois se tratam de professores que trabalham em três escolas com condições e estruturas diferenciadas, portanto sob diferentes condições de docência. Esse critério foi considerado relevante nessa pesquisa, pois, durante os estudos, foi possível constatar que o contexto onde o professor está inserido, pode influir direta e indiretamente nas características de seu trabalho docente. Foi realizada uma entrevista com cada professor, que consiste nas questões presentes no Apêndice B.

As entrevistas foram gravadas através de um gravador digital com autorização do respectivo professor. Após isso, foi transcrita e então mostrada ao docente que a realizou para que ele pudesse reler e possivelmente mudar ou remover alguma parte da entrevista. Por final, foi pedida a autorização do professor para utilizá-la.

### 3.4 Colaboradores

Os colaboradores da pesquisa foram professores de Educação Física que atuam em escolas públicas de Porto Alegre/RS. O principal critério para a escolha dos docentes foi a variedade no tempo de carreira, de maneira a buscar resultados mais diversificados nas respostas da entrevista, além dos mesmos se encontrarem em diferentes contextos de escola.

Apresento um quadro sintético com as principais informações acerca dos colaboradores:

<b>Docente</b>	<b>Tempo de Experiência docente</b>	<b>Rede Escolar</b>	<b>Local/Ano de Formação</b>
Amélia	Pouco mais de 2 anos	Municipal	Centro Universitário Metodista (IPA) / 2002
Calêndula	Aproximadamente 6 anos	Estadual	Centro Universitário Metodista (IPA) / 1999
Violeta	34 anos	Municipal	FEEVALE / 1981

### 3.5 Instrumentos para coleta de informações

Para a coleta de informações, foram utilizadas a entrevista semiestruturada e o diário de campo. Com o diário de campo procurei registrar as minhas impressões no contato com os docentes, possíveis aspectos relevantes que contribuíssem com os meus objetivos de pesquisa, além de registrar aspectos observados no ambiente escolar que estava envolvido, como o espaço físico, materiais e possíveis interações pessoais entre o professor e demais integrantes desse âmbito.

Com a entrevista busquei traçar um panorama sobre o percurso e a formação profissional do professor entrevistado, juntamente de como ele realiza seu trabalho e conhecer um pouco sobre as tensões encontradas no mesmo. Além disso, procurei abordar questionamentos que contribuíssem para a compreensão das características e condições que viabilizam processos de investimento/desinvestimento pedagógico no trabalho docente dos respectivos professores.

### 3.6 Tratamento das informações

Após a coleta de informações, parti para a fase de discussão dos resultados através da análise de conteúdo. Ao longo da análise, busquei construir categorias de análise de forma a construir argumentos e interpretações que me levassem a responder o problema e as questões de pesquisa.



## 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

### 4.1 Características e condições de docência em Educação Física escolar que viabilizam processos de investimento pedagógico

Para compreender as características e condições de docência em Educação Física e como elas viabilizam esses processos de investimento pedagógico, julgo importante entender o motivo da escolha da profissão pelos respectivos professores. Um maior envolvimento com questões relacionadas à prática da Educação Física, resultando assim na escolha da mesma como carreira profissional, pode ocasionar um processo de investimento pedagógico no respectivo docente. Aspecto que é observado através das entrevistas, onde os docentes colaboradores afirmam que a escolha da profissão esteve diretamente ligada a seu envolvimento com as práticas em Educação Física, e que isso, possivelmente, contribuiu no seu processo de investimento nessa profissão. Essa ideia de um entendimento da origem e formação pessoal relacionada à formação profissional do professor, como fator importante para a caracterização do seu trabalho docente, aparece nos estudos de Faria (2010) e Stadnik (2009), corroborando a necessidade de compreender o professor como um todo.

Outra condição que pode viabilizar o processo de investimento pedagógico no professor são as relações interpessoais no seu ambiente de trabalho e uma boa organização da escola. Seguindo a ideia encontrada no estudo de Santos (2009), boas relações interpessoais e uma administração da escola que coopera e apóia o docente, pode auxiliar o mesmo em seu trabalho, contribuindo assim para esse processo de investimento. Aspecto relatado pelas professoras entrevistadas, as boas relações, tanto interpessoais quanto no ambiente escolar em geral, além de um trabalho codificado mais fácil de ser realizado devido à metodologia da escola, facilitam o seu trabalho docente, dando condição para um processo de investimento pedagógico na profissão.

Tardif (2009) em seu estudo nos traz que no ambiente escolar poderá ocorrer a resistência dos alunos ao professor e às ações que lhe são propostas. Opondo-se a essa resistência, o professor pode utilizar estratégias como a negociação, o diálogo e a persuasão para que consiga “trazer” os alunos para a aula, segundo

Santos (2009). Diante dos relatos encontrados na entrevista, ao conseguirem realizar a aula - com relação às idéias dos autores acima - as professoras têm um sentimento de retorno dos alunos, e esse sentimento aproxima-as de um processo de investimento pedagógico. Isso se dá pela percepção de que seu trabalho docente está saindo como planejado, é um sentimento de que seu esforço está sendo reconhecido pelos alunos, o que viabiliza o respectivo processo. Para ilustrar esse sentimento de retorno, recorro à professora Violeta que em seu relato nos conta:

“Vou te contar um episódio, [...] simplesmente decidi, hoje eu não dou aula pra vocês, vocês vão estar aqui comigo no horário de aula só que eu não vou dar nada pra vocês, e isso foi a melhor aula que eu já dei na minha vida, dos 30 e poucos anos de magistério. Foi quando eles decidiram se organizar em grupo e foram até a direção exigir aula de Educação Física, dada por mim, não uma aula onde eles tinham uma bola lá que eu deixei né, exigiram que eles tinham direito de ter uma aula de Educação Física [...] os alunos queriam, que eu realmente desse a aula, desse minha proposta [...]” (Relato de colaboradora, professora Violeta)

Ao ingressar em uma nova escola, o docente acaba por enfrentar um ambiente diferente do qual estava habituado, com diferentes regras, rotinas e deveres, sendo assim, é necessária uma adaptação desse professor a esse novo meio. Com o passar do tempo, o docente acaba desenvolvendo uma maior segurança, adquirindo experiência, se adaptando ao local de trabalho, sua rotina e suas turmas. Tardif (2009), em seu estudo, percebe a experiência como um processo de aprendizagem espontânea que irá viabilizar ao docente adquirir certezas para com acontecimentos e situações que se repetem no seu trabalho, e assim, esse professor estaria mais preparado ao encarar momentos semelhantes ou iguais àqueles que já foram vividos anteriormente. De acordo com os resultados do trabalho de campo, pude aprender que a experiência é um fator que contribui em um processo de investimento pedagógico do professor para com seu trabalho, somando para o desenvolvimento de sua identidade docente, a repetição de acontecimentos e situações contribui para uma maior segurança, reafirmando a ideia do autor citado acima.

Um aspecto de grande importância na Educação Física é a prática inovadora, e como já fora esclarecido anteriormente no presente estudo, essas práticas buscam o rompimento com a idéia do fenômeno de *não aula* (MACHADO, 2010). Além disso, a criação de uma prática inovadora pode contribuir na formação da identidade

docente do professor, também contribuindo para uma melhor formação dos alunos, influenciando positivamente em um processo de investimento pedagógico (FARIA, 2010). Em sua entrevista, a professora Violeta, nos traz de que maneira ela utiliza a prática inovadora, nesse caso especificamente, a interdisciplinaridade:

“[...]ela possibilita varias interfaces com outras disciplinas como exemplo, tu consegue trabalhar com meio ambiente, tu consegue trabalhar com relações, com o espírito do coletivo né, então na nossa escola nós temos muito isso, [...] muito de uma forma interdisciplinar, a gente faz projetos né, aonde a professora de ciências está trabalhando meio ambiente, eu aproveito e trabalho meio ambiente com eles também, e como eu trabalho? eu faço atividades físicas nas quais eles possam perceber o ambiente onde eles estão[...]” (Relato de colaboradora, professora Violeta)

O que posso constatar a partir disso é que existe uma busca da respectiva professora para inovar suas aulas, trazer aspectos diferentes para a mesma e assim possibilitar diferentes experiências aos alunos, recriando assim a sua prática na docência em Educação Física. Essa constatação denota que tal procura por novas maneiras de dar significado às aulas corrobora a idéia de Faria (2010), onde a prática inovadora irá viabilizar um processo de investimento pedagógico.

Essa intencionalidade de ir atrás de novas alternativas que contribuam para a formação de uma identidade docente já caracterizaria um processo de investimento pedagógico no trabalho. Indo além das práticas inovadoras, nas quais se investe em uma melhor formação discente e contribui nas experiências pessoais do professor, posso observar também, uma busca para com o aperfeiçoamento profissional. Retratando isso, a seguinte fala da professora Amélia pode me ajudar a compreender melhor tal questão:

“[...] a minha expectativa é que as minhas aulas se tornem cada vez mais interessantes, que eu consiga cada vez mais me aperfeiçoar na minha profissão [...] o que eu não quero é ficar aquele *professor dinossauro* que nunca mais estudou e que nunca mais se aperfeiçoou” (Relato de colaboradora, professora Amélia)

Ao analisar esse relato, posso perceber que existe uma preocupação em investir na profissão, uma preocupação em continuar evoluindo e se atualizando, aperfeiçoando, na profissão. Wittizorecki – em seu estudo de 2005 – nos traz quatro elementos fundamentais para a construção do trabalho docente do professorado de

Educação Física, sendo dois deles relacionados com essa questão: a maneira a qual os docentes entendem o papel da docência e as transformações necessárias para acompanhar esse professorado. Essas constatações vão ao encontro dessa necessidade de não se tornar o *professor dinossauro* citado pela professora Amélia, característica que viabiliza um processo de investimento pedagógico no trabalho.

Dando continuidade a idéia de um engajamento na busca de melhorias profissionais e pessoais relacionadas ao trabalho docente, posso observar nos relatos das entrevistas diversas citações quanto à autorreflexões, ressignificações pessoais, contextualizações da teoria por meio de discussões com colegas de profissão e resolução de problemas encontrados no seu trabalho. Seguindo a linha de pensamento de Wittizorecki (2012), essa questão do autoconhecimento se torna importante na construção de uma identidade docente, podendo ser vista como uma continuação da formação do professor, realizada através de ressignificações diante de condições e indagações encontradas no seu trabalho. No relato abaixo, realizado pela professora Calêndula, posso observar sua reação frente a um problema encontrado no seu trabalho:

“Detecta-se o problema em primeiro lugar, e depois conversando quando se tem oportunidade ou em conselho de classe ou reunião na escola, colocar esse teu ponto de vista de como tu enxerga esse problema dentro da educação Física e tentar pedir realmente soluções assim com a escola, como eles enxergam e como tu enxerga pra tentar resolver.” (Relato de colaboradora, professora Calêndula)

Posso perceber nesse relato a busca da professora Calêndula por outro ponto de vista sobre o mesmo problema, sugerindo uma contextualização do problema para o âmbito escolar em que se encontra e assim através de uma reunião/conselho de classe buscar solucionar o mesmo. Esse interesse do docente em adquirir novos aprendizados através do autoconhecimento e ressignificações, é uma característica que possibilita ao professor o investimento pedagógico no seu trabalho. A perspectiva encontrada no estudo de Wittizorecki (2005) corrobora o ponto de vista anterior, ao citar outros dois – dos quatro - elementos fundamentais para a construção do professorado, os quais seriam eles: a importância os dilemas e inquietações emergentes da realização de seu trabalho diário, os saberes e estratégias construídos para dar conta desses dilemas e inquietações, reafirmando a importância da contextualização das tensões para uma formação permanente.

## 4.2 Características e condições de docência em Educação Física escolar que viabilizam processos de desinvestimento pedagógico

De maneira a compreender as características e condições que podem levar o professor de Educação Física a um processo de desinvestimento pedagógico, é importante levar em conta as singularidades existentes no trabalho deste coletivo docente. Tendo como base a idéia de Molina Neto (1998), posso destacar alguns aspectos da particularidade encontrada na Educação Física, como: o local de realização da aula (espaços externos, pátio), os materiais utilizados (bolas, arcos, apitos), além da sua participação na escola estar relacionada à cultura corporal de movimento. Diante disso, foi possível compreender a relevância e o impacto desses aspectos para a realização de uma aula de Educação Física.

Segundo os relatos das colaboradoras, quando o material e o espaço físico não se encontram em boas condições, isso pode dificultar a realização da aula, podendo viabilizar um processo de desinvestimento pedagógico. Reafirmando essa perspectiva, o estudo de Faria (2010) me passa a ideia de que quando essas duas características encontram-se em condições precárias, o docente poderia ingressar em um processo de desinvestimento pedagógico. A professora Amélia em seu relato me passa essa idéia de dificuldade quando esses aspectos não contemplam adequadamente as necessidades do docente, além de trazer uma outra característica que pode influenciar em um processo de desinvestimento pedagógico:

“Bom, as maiores dificuldades para a realização das aulas de Educação Física da forma que eu queria fazer, por exemplo, são principalmente a falta de materiais esportivos, a má qualidade das quadras, do nosso espaço físico, a falta de colaboração até de próprios colegas da própria área que dificultam o trabalho, porque eu acho que quando a gente tem uma equipe, por exemplo, a escola tem cinco professores, três trabalham direitinho, e eu digo com trabalham direitinho é cuidar do material, organizar o material depois da aula, deixam a sala organizada, deixam o material organizado, e um deles não se preocupa muito com isso, ele não tem a dimensão que um só que bagunce o local de trabalho, ele vai prejudicar toda a sua equipe [...]” (Relato de colaboradora, professora Amélia)

Além de corroborar o que foi constatado acima, a colaboradora trouxe o aspecto da cooperação no ambiente escolar, no caso entre os professores da área, que quando não ocorre, dificulta o trabalho docente, devido ao tratamento dos

materiais e espaços físicos da escola, e pode levar o professor a um processo de desinvestimento. Porém, a presente questão vai além da falta de cooperação entre professores, se encaminhando para uma questão maior que são as relações interpessoais no âmbito escolar. Essas relações ocorrem com os alunos, professores e funcionários encarregados da parte administrativa da escola e quando, por exemplo, há ocorrência de relações verticais como formas de gestão hierarquizadas na escola, o professor possivelmente entraria em um processo de desinvestimento (FARIA, 2010).

A professora Calêndula, em sua entrevista, me traz um aspecto interessante, o qual indica que no ambiente escolar, se não houver uma exigência proveniente da direção/supervisão para com os professores de Educação Física – quanto às propostas, metodologias de trabalho, etc. – esse docente se acomodaria, caracterizando assim um processo de desinvestimento pedagógico.

Analisando as entrevistas posso observar uma característica que está presente no trabalho docente e que foi citada como um possível fator de desinvestimento pedagógico. Trata-se do desinteresse dos alunos em realizar a aula de Educação Física, de acatar uma proposta pedagógica e cumpri-la dentro das condições apresentadas pelo professor. Para entender melhor essa situação, Tardif (2009) em sua obra que busca caracterizar o trabalho docente, procura evidenciar que os alunos são pessoas, as quais são passíveis de mudanças, sendo assim necessária uma adaptação do professor a essa realidade. Diante desse entendimento, juntamente da compreensão de que os alunos encontram-se obrigados a frequentar a escola, é possível pensar que o desinteresse dos alunos também colabora para um desinvestimento do professor em seu trabalho. A partir do relato da professora Violeta, pude ter uma noção da influência dos alunos e sua possível resistência no trabalho docente em Educação Física:

“Existem também turmas que eu já desisti e não estou investindo mais, turmas de progressão (BP), tudo que tu oferece pra eles e o máximo que eles conseguem fazer é 15 minutos, não gostam, vão sentar sabe, e são turmas que na verdade, que juntaram crianças com problemas, problemas de deficiências e físicas, crianças com necessidades especiais, então assim, qual meu investimento nessa turma, praticamente zero, eles tem dois períodos juntos, eles cansam, eles não agüentam até o fim do período, eles sentam na metade sem tu autorizar, desistem, se algo não da certo eles entram em conflito com o outro, então essas são turmas que eu já não invisto mais [...]”  
(Relato de colaboradora, professora Violeta)

Refletindo sobre a citação da colaboradora acima, posso observar que no seu trabalho existem turmas em que ela se encontra em processos de investimento pedagógico e outras nas quais esse processo já não está mais presente, não necessariamente caracterizando o desinvestimento pedagógico nesse caso específico, mas corroborando que a resistência dos alunos ao professor e às propostas de aula poderá viabilizar um processo de desinvestimento pedagógico.

Segundo Gunther (2000) citado por Wittizorecki (2005), a Educação Física vem apresentando um status inferior em relação às disciplinas escolares de cunho mais intelectual, logo nesse ambiente escolar, a Educação Física tem um estigma de “trabalho fácil” ou disciplina com baixa exigência e de fácil aprovação. Essa cultura de status inferior parece estar presente no âmbito escolar em colegas de trabalho, direção e também nos alunos. As implicações disso em um possível processo de desinvestimento pedagógico são que, ao enxergar a profissão desta maneira, as partes envolvidas na escola dão pouca importância ao trabalho do professor de Educação Física, e quando essa cultura já formada é proveniente da direção ou dos colegas de trabalho, ocorre um aspecto já citado anteriormente, onde a falta de cooperação e as relações interpessoais não satisfatórias podem contribuir para um processo de desinvestimento.

Quanto à existência dessa cultura de disciplina fácil e de baixa exigência no corpo docente, busco no relato da professora Calêndula evidenciar um pouco de como essa cultura pode influir na docência:

“Considerando tudo que se passa hoje, tem muita gente que larga a bola, então acho que as escolas têm essa cultura, é um pouco cultural e também dos alunos, tu tem um professor ruim que nunca te deu nada, fica na cultura das crianças, tu tem um professor de primeira a quarta série, que isso é falho ainda né não ter Educação Física de primeira a quarta série obrigatório com professor específico, então eles acham que é largar a bola, e quando chega na aula normal é maior dificuldade retomar isso, até então não foi importante e agora é importante” (Relato de colaboradora, professora Calêndula)

Consigo observar através desse relato características de um professor sem propostas e em processo de desinvestimento pedagógico, além disso, percebo também que ela traz aspectos de como a cultura de status inferior foi constituída, demonstrando que esses mesmos professores podem influenciar no trabalho docente de professores que estão por vir, de maneira que ao lidar com as turmas,

terão um reflexo do passado, onde não havia proposta e nem imposição do docente para com a aula, onde posso destacar a frase “até então não foi importante e agora é importante”, que corrobora esse pensamento, e assim acaba dificultando o desenvolvimento de um trabalho docente e possivelmente influenciando em um processo de desinvestimento.

Ainda dentro dessa questão temos um aspecto curioso destacado pela colaboradora Calêndula: ela afirma que por a Educação Física atuar mais no pátio e em espaços físicos fora de sala de aula, ela estaria mais vulnerável à opiniões do corpo docente e gestão da escola quanto a sua metodologia e maneira de realizar suas aulas, e assim, essas críticas poderiam levar o professor a um processo de questionamento de seu trabalho e, talvez, de desinvestimento pedagógico.

Recuperando os relatos das colaboradoras posso destacar um aspecto que foi bastante citado: uma possível predisposição do professor a se tornar rola-bola, ou seja, de ingressar em um processo de desinvestimento pedagógico. Para argumentar sobre essa questão, trago ideias encontradas nas entrevistas. Segundo a professora Amélia alguns professores já saem da faculdade com uma predisposição a não se empenharem na profissão, ideia que é corroborada pela professora Calêndula que traz a possibilidade da pessoa não ter o “dom” para aquela profissão, no sentido de existirem profissionais que deixam a desejar em diversas profissões, não sendo diferente na Educação Física. Além disso, a professora Calêndula traz o aspecto da índole do professor para justificar o processo de desinvestimento pedagógico que ele se encontra. Em contrapartida disso, a professora Amélia interpreta que esse docente que se encontra em um processo de desinvestimento pedagógico é possivelmente aquele que tentou mudar durante muito tempo e através de diversas maneiras, porém falhou devido a uma série de fatores que aparecem na seguinte citação:

“mas também tem os professores que tentam, tentam, tentam mudar e não conseguem, justamente pela falta de recursos da escola, pela falta de vontade do poder público, quando é escola pública, em fornecer o equipamento necessário, condições necessárias mínimas de trabalho, então acho que também chega um ponto que o professor tentou, ele tenta 2 ele tenta 4 anos mudar, se empenha e fala com diretor, e fala com o vice, e fala com o coordenador, e as coisas realmente não acontecem, acho que aí ele cansa e realmente ele vai largar uma bola de futebol e outra de vôlei e é isso.” (Relato de colaboradora, professora Amélia)



A professora em seu relato aborda diversos aspectos que podem levar o professor a ingressar em um processo de desinvestimento pedagógico. É importante que para compreender esse processo é necessário um entendimento de como todos os fatores listados acima se interrelacionam entre si e entre aspectos da vida pessoal e do âmbito escolar em que esse professor convive diariamente, não sendo possível tratar as informações com um tom de certeza pois se trata de um percurso de formação permanente do docente que atua na escola.

#### 4.3 Investimento/desinvestimento pedagógico e sua influência nos percursos docentes

Após compreender o que são os processos de investimento/desinvestimento pedagógico e aprender através das entrevistas quais deles permearam a docência das colaboradoras desse estudo, posso estabelecer relações de como esses processos influenciaram nos respectivos percursos docentes das professoras. Mesmo considerando as dificuldades encontradas na profissão, as docentes colaboradoras, através de ressignificações e contextualizações das teorias pedagógicas, buscaram a inovação da prática, para promover o rompimento com a ideia de ensino tradicional nas aulas de Educação Física escolar (FARIA, 2010).

À medida que o tempo de serviço na profissão vai aumentando e o professor se aproxima do final de sua carreira docente, segundo Huberman (1995) citado por Machado (2010), ele entraria em um processo de desinvestimento pedagógico, justificado por seu ofício não ser mais o objetivo central de sua vida. Em contrapartida a isso, as entrevistadas demonstraram não se identificar com essa definição apresentada pelo autor acima, relatando que embora exista essa crença de que quanto mais antigo é o professor menos ele investe na sua aula, isso não se aplicaria a elas, desmistificando o conceito de desinvestimento pedagógico por tempo de trabalho. Para demonstrar esse sentimento encontrado na ideia acima, a professora Violeta comenta como foi sua entrada no município, mesmo após anos de experiência já trabalhando como docente:

“e quando eu entrei no município eu entrei com todo o gás, toda energia, carga sabe, tudo era novo, eu queria buscar cada vez mais tentar resolver e buscar, atender, investir naqueles alunos que

realmente, na escola pública, muitas vezes, na minha visão, era meio que deixado, meio que abandonado, pelo professor bola.” (Relato de colaboradora, professora Violeta)

Essa citação confirma a busca da professora Violeta em continuar investindo e procurando diferentes alternativas de realizar sua prática. Essa preocupação em buscar novos conhecimentos se torna essencial para a estruturação de sentido de seu trabalho docente, tendo contato com o conhecimento teórico, essas professoras puderam reelaborar e reconstruir conceitos formados ao longo da sua formação docente (FARIA, 2010). Corroborando a ideia desse autor, as colaboradoras demonstraram nas entrevistas diversos aspectos de que as características de investimento/desinvestimento pedagógico contribuíram para repensar sua prática docente, relatando sobre suas autorreflexões, utilização da criatividade a seu favor para combater o desinvestimento pedagógico, ingresso em grupos de pesquisa, contribuindo para sua formação permanente. Esse tipo de formação se torna fundamental, além de trazer a ideia de que não é possível dissociar o professor da “pessoa”, sendo assim impossível desvincular a sua trajetória individual/pessoal da sua prática pedagógica (FARIA, 2010).

Um aspecto curioso encontrado nas entrevistas com as professoras é que com um maior tempo de trabalho na escola, existe o desenvolvimento de um olhar clínico para com os alunos, no sentido de um maior entendimento de como funcionam os aspectos relacionados a eles e como lidar com as situações apresentadas por eles. Trazendo um exemplo disso, as professoras Violeta e Calêndula conseguiram identificar através de suas experiências que, ao trabalhar a Educação Física nos seus ideais, buscando o aspecto de uma aula planejada e com uma proposta definida com as crianças menores, em longo prazo, foram possíveis melhores resultados com eles à medida que ficaram mais velhos e acostumados a esse tipo de proposta. Diferente disso, quando ocorre desses alunos se acostumarem com o passar do tempo a uma aula sem proposta onde o professor apenas rola a bola, de acordo com as colaboradoras fica mais difícil quebrar esse estigma de aula livre que foi formado através do tempo, na cultura dos alunos.

Fazendo uma relação com o olhar clínico, juntamente da análise da cultura já formada dos alunos, posso destacar um aspecto marcante no percurso docente da professora Violeta. Diante dos seus relatos pude observar a existência de um processo de investimento específico, a partir das adversidades encontradas nesse

caso específico, além das experiências próprias da professora, que acaba sugerindo um possível processo de “estagnação” no desenvolvimento do trabalho docente, que pode ser visto na seguinte citação:

“[...] agora percebo sim, professor que dá varias coisas ao mesmo tempo no horário de EFI, dá vôlei pra um grupo aqui, dá futebol pra outro ali, eu não consigo, entendeu, se esse professor é considerado rola a bola, talvez na visão de alguns, agora se ele acompanha, to acabando fazendo isso na EJA, daí tu vai me dizer, então tu é uma professora rola a bola, bom então eu sou, porque na EJA eu tento atender o interesse de vários grupos, daquelas pessoas que tem 60 anos, daquelas pessoas que tem 14-15 anos que gostam de jogar uma bola um voleibol, aqueles senhores que não tem como fazer, que a gente usa muito jogos de memória no laboratório de informática, e o que eu faço, eu circulo por todos eles [...]” (Relato de colaboradora, professora Violeta)

Essa citação demonstra certa frustração por não conseguir levar à prática pedagógica o ideal da professora Violeta, porém deve ser levado em conta que se trata de um caso específico dentro das experiências dessa colaboradora. Importante destacar que mesmo não conseguindo realizar seu trabalho da maneira que desejava, a professora ainda assim busca atender o interesse de um grupo diversificado e heterogêneo.

Posso perceber, através de como os processos de investimento/desinvestimento pedagógico influem no percurso docente, que os mesmos não se encontram “sozinhos”, estando sempre aliados a diversos outros fatores que também influenciam nesse percurso, como exemplo, as experiências pessoais desse docente. Então, para compreender como esses aspectos de investimento/desinvestimento contribuirão na formação permanente do docente, também devemos procurar conhecer a história de vida desse professor e de que maneira ele reage às tensões da profissão, sejam elas positivas ou negativas.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Retomando os questionamentos norteadores deste trabalho, posso concluir que a Educação Física escolar está interligada a uma série de fatores e tensões que são passíveis de mudança e de interpretações variadas, dependentes de situações específicas que forem analisadas. Nesse estudo pude compreender que determinadas características e condições de docência em Educação Física escolar podem viabilizar processos de investimento/desinvestimento pedagógico ao professor que trabalha nessa área, dadas as devidas interpretações e especificidades deste estudo.

Características e condições como a escolha da profissão, boas relações interpessoais no ambiente de trabalho, uma boa organização da escola, o sentimento de retorno proveniente dos alunos, experiências passadas na escola, busca e utilização de prática inovadora e uma busca por atualizações e ressignificações pessoais e profissionais, de maneira a continuar sua formação docente, tudo isso poderá contribuir em um processo de investimento pedagógico desse professor.

Em contrapartida a isso, existem outras características e condições, que foram identificadas nesse estudo, que podem viabilizar o processo de desinvestimento pedagógico no professor atuante na escola, são elas: o espaço físico e os materiais em más condições, falta de cooperação no âmbito escolar e falta de exigência da direção/gestão da escola, ambos relacionados à relações interpessoais não satisfatórias, possível desinteresse dos alunos em realizar as aulas e a cultura já formada ou em formação, de um status inferior para a Educação Física escolar.

Além disso, esses processos de investimento/desinvestimento pedagógico irão se relacionar diretamente no percurso docente dos professores, tendo uma influência positiva ou negativa na formação continuada desse docente, adicionando a ela, experiências positivas ou negativas. Algumas dessas influências foram observadas no presente estudo e confrontadas com a teoria para um maior entendimento das mesmas. Dentre elas, o tempo de trabalho causando um processo de desinvestimento - por seu ofício não ser mais o objetivo central de sua vida – foi desmistificado pelas professoras colaboradoras, as quais demonstraram estarem sendo influenciadas positivamente pelos processos de investimento, ao buscarem

atualizações e contextualizações das teorias na prática. Importante compreender também que os resultados encontrados para a influência dos processos de investimento/desinvestimento pedagógico foram específicos para as professoras que colaboraram com o presente estudo, professoras que tem uma história de vida e um acúmulo de experiências pessoais que podem influenciar nos resultados encontrados.

O presente estudo também pode ser utilizado de maneira a adquirir conhecimentos específicos do trabalho docente e do ambiente escolar, trazendo as singularidades da Educação Física para com esses assuntos e entrando no aspecto do investimento/desinvestimento pedagógico que é o foco deste trabalho. Esses conhecimentos podem contribuir para a formação inicial de professores, de maneira que a partir do entendimento dos aspectos citados acima juntamente dos processos de investimento/desinvestimento pedagógico do professor, esse aspirante ao professorado pode ter uma noção do que irá encontrar na prática, uma parte da realidade encontrada no trabalho docente, contribuindo para a formação de sua identidade docente desde sua formação acadêmica.

Analisando este trabalho pude perceber a quantidade de experiências que adquiri ao realizá-lo, aspectos que contribuíram na formação da minha identidade docente. Ainda durante sua realização, posso afirmar que minha visão de Educação Física escolar foi alterada, o que pude observar na prática enquanto realizava os estágios curriculares, aonde muitas vezes trazia os conhecimentos encontrados na teoria para entender características existentes nesse âmbito. Como é um tema pertinente ao trabalho docente e que gostaria de trabalhar na escola, desenvolver esse estudo contribuiu para agregar conhecimentos de situações específicas que possivelmente encontrarei ao realizar meu trabalho na docência em Educação Física escolar.

A realização desta pesquisa me trouxe a oportunidade de entrevistar professoras já atuantes na área e a partir disso compreender o funcionamento de uma escola, juntamente das experiências dessas professoras quanto a diversos assuntos que permeiam a docência, possibilitando um breve conhecimento dos aspectos e características de uma escola. Tudo isso me conduziu em um processo de reflexão, tanto pessoal quanto profissional, de como seria quando eu estiver atuando realmente nas escolas, sem a condição de estagiário e sim de professor de

Educação Física, dotado de uma maior autonomia e responsável por diversas outras coisas que não cabiam a mim quanto estagiário.

Diante de tudo isso, foi possível um aprofundamento do meu conhecimento quanto aos processos de investimento/desinvestimento pedagógico, suas implicações no professorado e o que, especificamente, levaria o professor a ingressar em um deles. Acredito que esse saber pode contribuir na minha formação continuada e, além disso, na percepção de novas características e condições que viabilizem processos de investimento/desinvestimento pedagógico que podem ser encontradas por mim na realização de meu trabalho docente.

## REFERÊNCIAS

FARIA, Bruno Almeida de; BRACHT, Valter; MACHADO, Thiago da Silva; AGUIAR MORAES, Claudia Emilia; ALMEIDA, Ueberson Ribeiro; DE ALMEIDA, Felipe Quintão. Inovação Pedagógica na Educação Física. O que aprender com práticas bem sucedidas? **ÁGORA PARA LA EF Y EL DEPORTE** Nº12 (1) 2010, 11-28.

FOLLE, Alexandra; GELCEMAR, Oliveira Farias; BOSCATTO, Juliano Daniel; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Construção da Carreira Docente em Educação Física: Escolhas, Trajetórias e Perspectivas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 01, p. 25-49, janeiro/março de 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed.. São Paulo : Atlas, 1996

MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter; FARIA, Bruno de Almeida; MORAES, Claudia; ALMEIDA, Ueberson; ALMEIDA, Felipe Quintão. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 129-147, abril/junho de 2010.

MOLINA NETO, Vicente. A prática dos professores de educação física das escolas públicas de Porto Alegre. **Movimento**, Porto Alegre, Ano V - Nº 9 - 1998/2.

PORATH, Margareth; JOCHEM, Priscila; FOLLE, Alexandra; FARIAS, Gelcemar Oliveira; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Fase de desinvestimento da carreira docente de professores de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 203-222, out/dez de 2011.

SANCHOTENE, Mônica Urroz; MOLINA NETO, Vicente. Habitus profissional, currículo oculto e cultura docente: perspectiva para a análise da prática pedagógica dos professores de Educação Física. **Pensar a Prática** 9/2: 267-280, jul./dez. 2006.

SANTINI, Joarez; MOLINA NETO, Vicente. A síndrome do esgotamento profissional em professores de Educação Física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.3, p.209-22, jul./set. 2005.

SANTOS, Núbia dos; BRACHT, Valter; DE ALMEIDA, Felipe Quintão. Vida de Professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 141-165, abril/junho de 2009.

STADNIK, Adriana Maria; CUNHA, António Camilo; PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Os professores (também) são pessoas**: Quatro histórias de vida. Vislis, 2009.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. trad. de João Batista Kreuch. 5. Ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz; MOLINA NETO, Vicente; BOSSLE, Fabiano. Mudanças sociais e o trabalho docente de professores de Educação Física na escola: estudo a partir de histórias de vida. **Movimento**. Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 149-169, jan/mar de 2012.

WITTIZORECKI, Elisandro; MOLINA NETO, Vicente. O trabalho docente dos professores de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p.47-70, janeiro/abril de 2005.



## APÊNDICES

### Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**1. Natureza da pesquisa:** você está sendo convidado a participar da pesquisa “Investimento/desinvestimento pedagógico: compreendendo características da docência em Educação Física que podem levar o professor a investir/desinvestir no trabalho”, vinculada à Escola de Educação Física da UFRGS, que tem por finalidade compreender que características e condições de docência em Educação Física viabilizam processos de investimento e desinvestimento pedagógico ao professor deste componente curricular no seu trabalho.

**2. Participantes da pesquisa:** O principal responsável pela pesquisa é o Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki, que pode ser encontrado em horário comercial no seguinte endereço: Rua Felizardo, 750; bairro Jardim Botânico; Porto Alegre/RS. CEP: 90690-200. Caso queira, você pode esclarecer qualquer dúvida diretamente com a Comissão de Pesquisa da ESEF/UFRGS pelo telefone 3308.5886.

**3. Sobre as entrevistas:** Trabalharemos com entrevistas individuais semi-estruturadas, com duração entre 30 a 40 minutos, para colher informações sobre seu trabalho docente e como você desenvolve a profissão e lida com suas singularidades. Estas entrevistas serão gravadas, depois transcritas e posteriormente devolvidas a você para conferir o que foi registrado.

**4. Riscos e desconforto:** Sua participação nesta pesquisa não traz complicações legais, nem riscos a sua saúde ou a sua dignidade. O inconveniente maior será a dedicação de um tempo para responder às questões da entrevista. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

**5. Confidencialidade:** Os dados obtidos serão utilizados pelos estudantes e professores da Escola de Educação Física da UFRGS para a elaboração de monografia de conclusão de curso do aluno Yuri Moreira de Lima Junior, artigos científicos, capítulos de livros. O material resultante do trabalho ficará depositado na Escola de Educação Física da UFRGS. Todas as informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Em todas as etapas da pesquisa será preservada sua identidade, bem como as identidades de todas as pessoas por você referidas;

**6. Benefícios:** Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esta pesquisa traga informações relevantes e, de algum modo, subsídios aos professores de Educação Física e aspirantes à profissão.

**7. Despesas:** você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que seguem abaixo:

Eu, \_\_\_\_\_ acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou do que foi lido para mim, descrevendo o estudo “Investimento/desinvestimento pedagógico: compreendendo características da docência em Educação Física que podem levar o professor a investir/desinvestir no trabalho.” Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização do mesmo.

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Assinatura do sujeito ou representante legal                      Local                      Data

**Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito ou de seu representante legal para a participação neste estudo.**

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável pela pesquisa                      Local                      Data

## **Apêndice B – Roteiro de questões para a entrevista**

- 1- Descreva sua caminhada como professor. O que te levou a escolher o curso, onde estudou, quando se formou, quanto tempo atua na profissão e onde já trabalhou?
- 2- O que você pensa sobre a Educação Física escolar e qual o significado dela para ti?
- 3- Como é o teu trabalho aqui na escola e como tu percebes tua aula hoje? Quais as diferenças em relação a aulas passadas? (por que há diferença?)
- 4- Na tua opinião, quais são características encontradas em uma “boa aula” de Educação Física?
- 5- Quais são tuas expectativas como docente em Educação Física?
- 6- Como tu lidas com o trabalho codificado e a demanda escolar?
- 7- Quais são as dificuldades encontradas por ti para a realização da profissão? (considerando as singularidades da Educação Física)
- 8- Como tu lidas com essas dificuldades e como tu fazes para superá-las? (É possível superá-las ou apenas “contornar” a situação? De que maneiras? Explorar as dificuldades e suas soluções.)
- 9- Um termo conhecido na Educação Física escolar é o de professor rola-bola. Na tua opinião, o que leva o docente a chegar nesse estado?
- 10- Que atitudes o professor pode tomar para não se “tornar” um professor “rola-bola”?

## **Apêndice C – Exemplo de entrevista semiestruturada**

### **Professora Violeta**

#### **1- Descreva sua caminhada como professor. O que te levou a escolher o curso, onde estudou, quando se formou, quanto tempo atua na profissão e onde já trabalhou?**

Bom, eu sou professora há 34 anos, exerci minha atividade docente sempre com aluno, como se diz né, professor regente de turma, nunca tive cargo administrativo. O que me levou a escolher a profissão foi o meu envolvimento com o esporte na escola, no município, e isso já tava bem definido pra mim, que eu queria ser professora e de Educação Física, eu não pensava em outra possibilidade a não ser Educação Física, apesar da sedução do meu pai pra várias outras áreas né, o pai sempre quer que a gente seja algo mais né, a profissão não ia render, mas enfim. Eu já trabalhei em escola pública e escola privada, trabalhei no município numa cidade do interior de Taquara, nessa mesma cidade que eu nasci vivi e me criei, também exerci a profissão durante 22 anos numa escola privada, aonde eu estudei, passei praticamente mais de 1/3 da minha vida nessa escola, quando completei 22 anos de trabalho eu fui demitida em função de que o professor na escola privada tem um custo muito alto com o tempo de serviço, pois tu tem 4% a cada quadriênio, então a opção da escola privada é exatamente essa né, diminuir custos, então esse foi um dos motivos que me levou a ser demitida. Então nesse momento eu fiquei, não digo desempregada, mas uma vida inteira de investimento numa escola privada com alunos da classe média, mas eu tinha também a escola publica estadual, que varias vezes fui (eu tinha 40 horas) seduzida pela escola privada, para me dedicar só a privada, mas por uma questão ideológica minha, eu permaneci na escola pública, e aquele momento foi o que salvou pelo menos eu tinha como sobreviver, mesmo com salário baixo, eu tinha como sobreviver.

Então minha experiência na área de Educação Física, naquela época já tinha alguns anos de experiência, como docente, nesse momento eu já tava participando do grupo de pesquisa aqui na UFRGS com o Molina, já vinha investindo, quando optei em participar do grupo, em investir em discussões e o que estava sendo produzido em termos de conhecimento na área da Educação Física, pois o que eu tinha lá no município, que é um município do interior que não tem quase acesso, era

um estudo bem isolado, solitário, então aquelas leituras que eu fazia eu queria debater e discutir com alguém, foi quando eu procurei o grupo do professor Molina para conhecer o que estava sendo discutido naquele momento na Educação Física.

Então quando eu fui demitida da Escola Privada eu fiz a opção de dar a volta por cima, e fazer concurso aqui em Porto Alegre na rede pública, e tomei uma decisão: nunca mais trabalharia, em instituição privada. Pois todo ano era aquela angústia durante 22 anos no final do ano, tu vai ser mantido, tu vai ser despedido, tu vai ter emprego ano que vem ou não vai ter emprego ano que vem, então tu nunca podia fazer um projeto a longo prazo. Hoje também né, com o mundo pós moderno que está aí né, mas também a gente tem dificuldade de fazer um projeto a longo prazo, a não ser quando o funcionário é público né, tu faz uma opção pela carreira pública. Então fiz o concurso aqui, fui bem classificada e logo em seguida fui chamada, nesse mesmo momento, meio que paralelo a isso estava fazendo mestrado com o professor Molina, já estava investindo na minha profissão né porque eu queria qualificar, e quando eu entrei no município eu entrei com todo o gás, toda energia, carga sabe, tudo era novo, eu queria buscar cada vez mais tentar resolver e buscar, atender, investir naqueles alunos que realmente, na escola pública, muitas vezes, na minha visão, era meio que deixado, meio que abandonado, pelo professor bola.

Mas a minha surpresa ao chegar no município, eu encontrei poucos professores bola, inclusive na minha pesquisa, na minha escola em que eu comecei a atuar, nas minhas duas escolas que eu comecei a atuar, eu encontrei uma professora que poderia ser considerada professora bola, que largava a bola pra vários, que era a EJA onde eu comecei a trabalhar numa das escolas, mas ela estava ali sempre atendendo eles. Tentei implantar uma forma diferente de Educação Física e fui sucumbida porque os alunos não queria, né, então ali eu tentei mais acabei entrando, no ritmo da escola, mas, não desisti de tentar aos poucos incluir novas idéias, novas atividades, novos conhecimentos na Educação Física. Eu consegui mesmo mudar alguma coisa quando essa professora pediu pra mudar de escola, mas mesmo assim na EJA é muito difícil pela diferença de idade.

Na minha outra escola, que eu posso te dizer, eu não encontrei nenhum professor bola, eu encontro professor sim, o professor larga o material diversificado e fica atendendo e olhando esses alunos, como eles estão, e eu tenho uma visão que a aula de Educação Física tem que ser dada para todos, todos devem participar

né, como em matemática como em qualquer disciplina, o professor chega, tem uma proposta e assim trabalha com todos os alunos. Assim eu comecei nessa escola do município que era de ensino fundamental, não era EJA, ensino básico normal, ali eu comecei a investir em algumas atividades meio que diferenciada do que eles vinham acostumados a ter, eu dava o futebol que eles queriam né, mas um futebol vamos dizer assim, adaptado, com formas diferentes e aquilo foi chamando atenção dos alunos e eles foram gostando, tanto é que eles começaram a exigir dos outros professores que estavam, os próprios alunos, “ba professor porque não faz que nem a fulana de tal”.

## **2- O que você pensa sobre a Educação Física escolar e qual o significado dela para ti?**

A Educação Física na escola pra mim ela é uma disciplina, um componente curricular igual a qualquer outro, inclusive no município a proposta do caderno número 9 é né, que a Educação Física seja considerada uma disciplina como qualquer outra do currículo da escola, tanto é que ela tem a mesma carga horária em muitas escolas de qualquer outra disciplina. Ela possibilita no meu ponto de vista, que o aluno, além da sociabilização que é divulgada na escola, ela possibilitada varias interfaces com outras disciplinas como exemplo, tu consegue trabalhar com meio ambiente, tu consegue trabalhar com relações, com o espírito do coletivo né, então na nossa escola nós temos muito isso, principalmente no terceiro ciclo, trabalhamos muito de uma forma interdisciplinar, a gente faz projetos né, aonde a professora de ciências está trabalhando meio ambiente, eu aproveito e trabalho meio ambiente com eles também, como eu trabalho, eu faço atividades físicas nas quais eles possam perceber o ambiente onde eles estão, um exemplo vou te dar, o que no ambiente está interferindo naquele espaço onde eles tem ai, ai eles observam e vão me dizer, eu peço que eles usem o corpo deles pra transportar aquilo que está interferindo naquele ambiente, por exemplo lixo, de posse do lixo, eles devem pensar em quantos passos poderão chegar até a lixeira, e então eu faço alguns questionamentos eles né, coincidiu ou não o o número de passos pensado, anteriormente né, então eles usarem o corpo deles para terem noção de corpo também com essa questão do meio ambiente, essa é uma das questões.

Outras questões também como a do coletivo, pra dar noção de peso, diferença, que eles em grupo, eles recebem uma tarefa, eu dou um problema pra eles, vocês tem que em grupo carregar o colega até um determinado lugar, todos devem ser carregados e todos devem ajudar né, eles dizem: ah mas fulano é muito pesado, bom vocês tem que resolver o problema, entendeu? Noção do coletivo. Outra noção de coletivo que eu dou pra eles também é, dou um problema, toda a turma tem que passar pela corda sem ela bater vazia durante 50 vezes, completou isso a tarefa está, daí eu deixo pra eles, “mas ba professora mas fulano não da”, “não, é um grupo e todos tem que passar” então eu desafio, então acho que a Educação Física na escola ela tem esse papel, não da aula de matemática ou de reforçar, não, trabalhar integrado com os professores e dar essas noções, além de eles conhecerem seu próprio corpo, as possibilidades que eles tem com o seu corpo né, e trabalhar força de uma forma gostosa como carregar os alunos, os colegas, trabalhar a Educação Física de uma forma gostosa né.

**3- Como é o teu trabalho aqui na escola e como tu percebes tua aula hoje?  
Quais as diferenças em relação a aulas passadas? Porque há diferença?**

Meu trabalho na escola é mais ou menos o que eu te falei anteriormente né, eu não deixo de trabalhar o esporte, mas eu trabalho o esporte adaptado, quando vou trabalhar passes de handebol, eu faço uma brincadeira que ao mesmo tempo ela é de aquecimento, como a gente aprende aquecer, correr, acho um saco correr em volta da quadra, então eu faço aquela brincadeira de pega-pega, trabalho com os pequenos noções de cores, estatua, salvar, determinadas cores pegam e outras salvam, quem for pego tem que ficar estatua que o outro identifique, daí o coringa que ta salvando tem que fazer a mesma pose pra salvar, então trabalho essas noções também com os pequenos, noções de corpo e expressão corporal, e com os grandes, também um pega-pega corrente, por exemplo, pega-pega com bola, trabalhando passe no handebol, é muito maçante o cara ficar horas e horas lá trabalhando passando uma bola de um lado pro outro, o que eu faço, uma brincadeira e um jogo, o que eles gostam é o jogo, então minha aula sempre tem o jogo sempre tem bola, pega-pega com bola, através de passes, só posso pegar o colega se eu tiver com posse de bola na mão, não posso caminhar e não posso quicar a bola, procuro problematizar, através do jogo. É uma forma que eu encontrei

de trabalhar os passes do handebol, e eles estão jogando, e as turmas adolescentes adoram, eles pedem, eu tenho turmas que se fizer uma proposta pra jogar futebol eles negam, tirar aquela coisa, aquela imagem que Educação Física é só futebol, é só esporte, embora trabalhe o esporte também.

Vou te contar um episódio, as vezes é difícil tu organizar a turma, eu ensino eles também a se auto organizarem, o dia que eu não for dar aula, eles também poderem se auto organizarem né, e eles não atendiam e eu não uso o apito, falo alto o bastante, e simplesmente decidi, hoje eu não dou aula pra vocês, vocês vão estar aqui comigo no horário de aula só que eu não vou dar nada pra vocês, e isso foi a melhor aula que eu já dei na minha vida, dos 30 e poucos anos de magistério. Foi quando eles decidiram se organizar em grupo e foram até a direção exigir aula de Educação Física, dada por mim, não uma aula onde eles tinham uma bola lá que eu deixei né, exigiram que tinham direito de ter uma aula de Educação Física e daí foi a oportunidade que tivemos de discutir, conversar algumas coisas sobre as aulas, e o que os alunos realmente queriam, que eu realmente desse a aula, desse minha proposta, claro com a participação deles de sugerir, que eu sempre abri, então eu te digo muitas vezes uma aula não dada, acaba sendo uma aula dada, porque foi uma aula de cidadania porque eles se organizaram educadamente foram na direção, cada um falava por vez o que gostavam e não gostavam na minha aula, me davam oportunidade de falar, então foi uma aula de cidadania num momento numa aula de Educação Física que eu me neguei, então eles querem ter essa aula.

Então acho que minha aula deixa alguma coisa a desejar, não é a melhor aula do mundo, acho que tem aula muito melhor que a minha, mas é a aula que eu sei dar, que é possível administrar daquele momento, esse é o investimento que eu faço, é de pensar coisas que eu possa fazer com o que o aluno tenha atração pela Educação Física, além de ter todas as questões do movimento né, mas as vezes minha aula é muito mais vamos dizer assim, política, do que, consciência do movimento corporal né. Existem também turmas que eu já desisti e não estou investindo mais, turmas de progressão (BP), tudo que tu oferece pra eles e o máximo que eles conseguem fazer é 15 minutos, não gostam, vão sentar sabe, e são turmas que na verdade, que juntaram crianças com problemas, problemas de deficiências e físicas, crianças com necessidades especiais, então assim, qual meu investimento nessa turma, praticamente zero, eles tem dois períodos juntos, eles cansam, eles não agüentam até o fim, so período, eles sentam na metade sem tu

autorizar, desistem, se algo não da certo eles entram em conflito com o outro, então essas são turmas que eu já não invisto mais, então o investimento não é só na minha busca de leitura de buscar e de ver o que eu posso fazer por eles, todas minhas aulas são planejadas, além de ser planejadas em conjunto com as professoras do ciclo, nós planejamos em cima disso eu tenho tenho minhas aulas organizadas em pequenos bilhetes, toda minha aula está ali, com objetivos definidos, mas com tudo que eu vou propor, então acho que é isso.

Bom lógico que existe muita diferença da minha aula hoje do que logo que eu iniciei, eu iniciei como a professora que teve uma formação totalmente tradicional focada no esporte, onde tu iniciava a aula com aquecimento, com educativos de qualquer esporte, ensinava educativos de toda unidade, e no final de um tempo tu dava um jogo pra ver se eles aplicavam aquilo que eles tinham aprendido, sobre os educativos no jogo. Eu hoje prefiro ensinar tudo isso direto dentro do jogo como havia te dito antes, então é lógico que minhas aulas hoje não são mais tradicionais, tem professores tradicionais na escola que hoje atuam, daí tu vai achar que é uma critica mas não é, as vezes a professora da uma aula extremamente tradicional como ela aprendeu e como eu dava 20 anos atrás, só que essa é uma professora que ela da aula, mesmo tradicional ela da aula, ela ta no horário la com os alunos, ela pega os alunos do inicio até o fim, mesmo sendo tradicional, ela da a aula, ela não joga uma bola como outros professores que se chamam progressistas e acham que os alunos tem que aprender sozinhos.

Eu deixo eles quando vão fazer um arremesso, uma bandeja, eu mostro oh bandeja é isso e isso, agora cada um vai achar seu melhor jeito de fazer sua bandeja, entendeu, então essa é a diferença que é das minhas aulas passadas, até porque eu estou na aula, eu estou observando o que está acontecendo, para poder pensar outras formas de motivas eles, se eles não são tão motivados ou estão motivados, por exemplo os pequenos brincarem de esconde esconde, parece uma brincadeira simples, só que quem vê não sabe que ali tem um objetivo, como exemplo, uma criança que não tem noção corporal ela não vai conseguir esconder o corpo, não sei se tu já notou criança pequena, ela esconde o rosto e o corpo fica aparecendo, então quando quero trabalhar essa questão de noção de corpo, eu faço essa brincadeira de esconde esconde com os pequenos, assim eu tenho noção quem precisa trabalhar mais essa noção, ou então desenhar o corpo, contornar o



corpo do colega no chão, e depois eles identificarem, então tem alunos que também não sabem fazer.

#### **4- Na tua opinião, quais são características encontradas em uma “boa aula” de Educação Física?**

Uma boa aula de Educação Física é aquela que tem um objetivo, e que o professor consiga no final da aula, no mínimo ter conseguido fazer com que os alunos se envolvessem naquela aula, pode ser até uma aula recreativa, então pra mim é isso, que o professor tenha um objetivo, e que o aluno perceba no final da aula e que ele conseguiu atingir, e que no final de cada aula ele faça uma avaliação daquilo também, eu faço principalmente com os grandes é um pouco diferente “o que vocês aprenderam? O que vocês gostaram? O que vocês não gostaram?” então minha avaliação é assim, pergunto para os grupo como um todo “fale o que mais te chamou atenção na aula hoje”, com os pequenos segue a mesma idéia, o que nós fizemos, e porque nos fizemos isso? Ali também é uma oportunidade de pensar a próxima aula, de ouvir sugestões dos alunos pois eles ajudam também na aula, os alunos podem participar sim no planejamento das minhas aulas, só que eu vou pensar como posso inserir aquilo, pois na verdade quem tem autoridade para aquilo ali sou eu.

#### **5- Quais são tuas expectativas como docente em Educação Física?**

Continuar sempre buscando, melhorar a minha aula, meu investimento hoje, eu fiz uma opção na escola, de investir nos pequenos, essas crianças são de vila, elas passam algumas horas ali com a gente, então tu percebe que eles tem muita malandragem, maldade, disputa entre eles, principalmente com os grandes, são muito simulados, eles fazem muitas coisas porque eles sabem que é o que tu espera deles, mas tu vê em outras atividades, que aquilo não fez efeito nenhum sobre eles, então eu tenho esperança que com os pequenos, quando chegarem no terceiro ciclo na oitava série, se eu investir mais com eles nessas questões de coletivo, de ser solidário, na questão da discriminação, do preconceito, trabalho muito essa questão dos gêneros também, menino e menina jogarem juntos, tem umas regras que eu imponho, para eles assimilarem essa idéia. Então eu hoje espero investir nesses

menores, inclusive ano que vem vou pegar as turmas dos pequenos, todo o primeiro ciclo, porque eu tenho esperança que esses alunos, nos outros ciclos, no B e no C, que eles realmente vão estar com uma consciência melhor do que aqueles, mesmo eles passando poucas horas com a gente, mesmo eles tendo influencia da família e da comunidade, que o contexto de ação não é diferente, que eles possam ser um pouco melhores, eles são muito agressivos, violentos, com espírito de lideranças, eles não aceitam determinadas coisas, eles enfrentam professores, essa questão do respeito tá, então espero que eu investindo nos pequenos, quando eles estiverem no terceiro ciclo, eu tenha um resultado melhor. Então essa é minha expectativa como docente, que eu pretendo ainda muito tempo dar aula de Educação Física.

#### **6- Como tu lidas com o trabalho codificado e a demanda escolar?**

Nós temos reunião todas as quintas-feiras, ou é pedagógica ou é administrativa, nós temos varias reuniões pedagógicas que é de planejamento, nós fizemos a opção de planejar com o ciclo e não com a área da Educação Física, o que é uma falha, nós nunca conseguimos por área, de ter um planejamento de todas as turmas numa seqüência, como deveria ser, como é em matemática né os conhecimentos a serem desenvolvidos, até porque somos 4 professoras de Educação Física com características diferentes, pensamos diferente, e nós não conseguimos entrar num acordo ainda, tem a professora tradicional que defende a forma dela dar aula e não vai mudar, então minha opção é trabalhar no ciclo que as professoras são mais abertas, investem muito mais, as professoras são sempre preocupadas, são excelentes professoras do primeiro e do terceiro ciclo, professor que está se aposentando com 60 e poucos anos assim que está toda hora buscando algo novo, em ciência, buscando coisa nova e vai, tem uma dinamicidade que as vezes eu tenho inveja, e talvez isso seja uma coisa que me motive também a continuar investindo, ela parece que começou hoje o magistério, e eu me sinto assim também, quando eu entrei no município há 6 anos eu me senti como uma professora iniciante, se eu tivesse que optar faria a mesma coisa, sou apaixonada pelo que faço. Então assim, a gente planeja junto né, a gente pode ter algumas divergências, nossas idéias divergem, mas é um grupo mais ou menos coeso, que a gente se organiza, tanto o professor de historia tanto a professora de língua portuguesa, por exemplo, essa semana é a da consciência negra, então nós estamos trabalhando

bastante com essa questão da discriminação, do preconceito, daí eu planejo em cima disso, a gente planeja junto lá, e em cima disso eu penso, eles mandam email, no email a gente acrescenta, olha penso que poderia fazer isso e aquilo pra contribuir, então essa rotina de planejamento na escola funciona. E é lógico que eu planejo em casa né, maior parte do tempo que a gente pensa é la, mas o mais específico da tua área tu planeja em casa, até porque a gente é liberada pra ir pra casa na hora da atividade de planejar e depois a gente repassa entre o pessoal.

**7- Quais são as dificuldades encontradas por ti para a realização da profissão? (considerando as singularidades da Educação Física)**

Bom, a grande dificuldade da Educação Física é exatamente o espaço físico é muito precário, a gente tem que dividir o espaço físico entre vários professores de EFI num mesmo horário, anos anteriores a gente tinha mais ou menos, por dia quem usava qual espaço, porque eu gosto de saber que espaço eu vou usar porque eu planejo antes, então tenho que planejar, de acordo com no espaço que eu tenho, só que esse ano ficou um pouco prejudicado, que eu tive um problema de saúde e tirei licença, e o pessoal acabou não fazendo essa divisão, então nós estamos usando o espaço que sobra, mas eu mais ou menos já sei onde vou usar sempre.

A grande dificuldade que eu acho é que os outros professores não vêem o espaço da Educação Física “como espaço de aula” a sala de aula, que aquele espaço que eu tenho ali que é também o mesmo espaço de recreio de convivência, no horário de aula é a sala de EFI, então eles confundem isso, eles acham que eles podem interferir, andar com os alunos no meio da tua aula, no momento que tu vai dizer alguma coisa tu passa por ignorante, esse momento, esse espaço aqui, durante a aula, é o espaço da Educação Física. Essa é a maior dificuldade que temos então, e dos outros professores verem a EFI como uma aula tão importante quanto qualquer uma outra, principalmente esses mais novos, os professores mais antigos respeitam bastante e eles só fazem uma reunião com os professores de EFI estiverem juntos, então já conquistamos um espaço dentro da escola.

**8- Como tu lidas com essas dificuldades e como tu fazes para superá-las? (É possível superá-las ou apenas “contornar” a situação? De que maneiras? Explorar as dificuldades e suas soluções.)**

Eu não falo em superação e sim em contornar a situação, porque esse professor, esse monitor, por mais que tu diga pra ele, ele sai dali te chamando de grossa, de ignorante, que eu não to deixando ele usar o espaço, estou querendo privar um espaço que é de convivência que é de toda a escola, e por mais que eu explique pra ele que não estou privatizando um espaço e sim exercendo um direito que eu tenho então, na verdade eu to contornando, não estou superando, superação é aqueles professores da escola, nomeados, mais antigos, que sabem, não passam no meio da quadra, onde tem uma parte coberta, que os alunos não passam ali no meio porque sabem que vai atrapalhar minha aula de Educação Física. Esses professores sim já superaram essas dificuldades do espaço da EFI ser um espaço também de trânsito de outros alunos, então a gente vai contornando conforme pode.

**9- Um termo conhecido na Educação Física escolar é o de professor rola-bola. Na tua opinião, o que leva o docente a chegar nesse estado?**

Não vou dizer que o professor não ta mais investindo na sua profissão, está numa fase de desinvestimento, e sim porque nós temos professores iniciantes que fazem isso também, acho que isso é uma cultura que já mudou muito, e quando o pessoal em reunião comenta “ah o professor rola a bola” eu já não vejo mais assim, eu consigo, eu vejo, e olha que eu já circulei em varias escolas, mais professores comprometidos dando aula, mesmo que seja uma aula tradicional do que o professor rola a bola. Posso estar enganada mas a maioria das escolas onde eu atuo, onde eu vejo, a maioria dos professores estão comprometidos, agora percebo sim professor que dá varias coisas ao mesmo tempo no horário de EFI, da vôlei pra um grupo aqui, da futebol pra outro ali, eu não consigo, entendeu, se esse professor é considerado rola a bola, talvez na visão de alguns, agora se ele acompanha, to acabando fazendo isso na EJA, daí tu vai me dizer, então tu é uma professora rola a bola, bom então eu sou, porque na EJA eu tento atender o interesse de vários grupos, daquelas pessoas que tem 60 anos, daquelas pessoas que tem 14-15 anos que gostam de jogar uma bola, um voleibol, aqueles senhores que não tem como fazer, que a gente usa muito jogos de memória no laboratório de informática, e o que eu faço, eu circulo por todos eles, observando se eles tão jogando dominó, “tu percebeu que a cor tal mais a cor tal, quanto que dá”, aproveito pra tentar pra que eles observar esses tipos de coisas nos jogos, ai vou lá no voleibol, dou alguns

“pitacos”, claro e tem aquelas aulas que eu passo alguns vídeos pra consciência, sobre saúde, na EJA precisa, tem aqueles momentos que eu faço com eles, qual meu objetivo na EJA, é que eles percebam a importância de tirar um momento pra si por dia, para se desestressar do dia de trabalho, do dia a dia deles, nem se for pra tomar um chimarrão com o vizinho e não pensar na vida e botar conversa fora, então esse é meu objetivo. Eu faço caminhadas com eles e eles tem que conversar com o colega, contar seu dia ou qualquer outra coisa pra se distrair, passo alguns vídeos, cuidado com a saúde, alimentação, porque uma vez por semana é pior do que não fazer nada, então essas várias atividades forem consideradas professor bola, então na EJA eu sou ta.

**10-Que atitudes o professor pode tomar para não se “tornar” um professor rola-bola?**

Eu faço de tudo pra não me tornar um professor bola né, até porque estou investindo hoje, podia estar me aposentando, to me aposentando, e já to pensando em fazer concurso pra né, to fazendo doutorado justamente porque eu quero continuar investindo e contribuindo, principalmente, com essa juventude que está entrando.

## Apêndice D – Fragmento do diário de campo

**Data:** 12/11/2012

**Escola:** Recanto das Flores

“Ao chegar na escola pude observar que o pátio estava sendo reformado, uma obra de grande porte tomava conta do espaço que me parecia anteriormente haver quadras para a prática de esportes. Esse espaço estava sem uso naquele momento e tive a oportunidade de perguntar à diretora sobre essa condição, a qual me explicou que a escola estava reformando todo o pátio, pois antes a escola não contava com quadras de boa qualidade e cobertas, sendo esse o intuito dessa obra. Logo fiz a seguinte reflexão: se já existe dificuldade com um certo espaço físico de qualidade regular porém utilizável, como o professor de Educação Física reagia a essa questão, como ele buscava alternativas para contornar essa situação? Mais tarde, dentro da entrevista conseguir captar a ideia da professora que explicou que essas adversidades acabam dificultando o trabalho docente do professor na escola porém contribuem para o desenvolvimento de uma criatividade para relacionar e criar alternativas possíveis para manter o andamento de suas aulas e suas propostas.

Da maneira que fui atendido nessa escola acredito que exista uma organização bem definida, por eu circular brevemente em várias instâncias de cargos da escola até então poder contatar a professora de Educação Física para a realização da entrevista. Ao que me parece, esse ambiente é cercado por boas relações interpessoais, onde pude observar professores e funcionários envolvidos e dispostos a manter uma ordem e harmonia nesse âmbito. A professora de Educação Física se mostrou bastante disposta a ajudar sugerindo que fossemos para um lugar mais quieto para a gravação da entrevista. No caminho para esse local pude perceber que os alunos têm um carinho e afeição muito grandes para com a professora de Educação Física, sendo que ela foi abordada diversas vezes no caminho pelo pátio até a sala na qual foi realizada a entrevista.”

## Apêndice E – Lista das unidades de significado identificadas

1. Escolha da profissão por estar inserida no esporte e dança, experiências passadas influenciando em processos de investimento;
2. A importância da Educação Física escolar;
3. Maior segurança proveniente das experiências no âmbito escolar;
4. Sentimento de retorno dos alunos;
5. Busca por construir uma aula que contemple todos os aspectos necessários na Educação Física;
6. Preocupação em investir na profissão, aperfeiçoamento profissional;
7. Trabalho codificado não é um problema, cumpre as tarefas com disposição;
8. Falta de materiais esportivos;
9. Má qualidade das quadras, espaço físico;
10. Falta de colaboração de colegas da área, não cuidam o material, não o organizam, isso dificulta o trabalho de toda a equipe;
11. Ter um plano B para contornar as situações de falta de material ou espaço físico;
12. Importância de sempre ter uma proposta visando o investimento pedagógico;
13. Adaptação da aula para as condições existentes âmbito específico;
14. Predisposição a não se empenharem na profissão;
15. Questão do estigma da Educação Física, já vista com certo preconceito, devido aos professores rola-bola;
16. Professor rola-bola: os que já tem a predisposição e os que tentam mudar mas não conseguem, pela falta de recursos da escola, falta de vontade do poder público, condições mínimas de trabalho;
17. Criatividade para não ingressarem um processo de desinvestimento pedagógico;
18. Adaptação às condições existentes no espaço específico;
19. Profissional engessado que não consegue se adaptar, possivelmente ingressa em um processo de desinvestimento;
20. Falta de valorização da profissão;
21. Existência de uma cultura esportivista;
22. Desinteresse dos alunos;
23. Trabalho anterior contribui para o trabalho de hoje ou seja desmistificar a Educação Física como o “largobol”;
24. Experiência como possível fator positivo na hora de lidar com os alunos;
25. Sentimento de retorno dos alunos e reconhecimento do seu trabalho;
26. Desmistificação do esportivismo (futebol)
27. Conscientização da importância da Educação Física, por parte dos pais/alunos e dos colegas de trabalho;
28. Singularidade por atuar mais no pátio onde estaria mais “vulnerável” à opiniões alheias sobre sua metodologia;
29. Entrevistada sugere maior cobrança da escola para com o professor para não ocorrer o processo de desinvestimento pedagógico;
30. Falta de cobrança indicaria que o professor fosse se acomodando;
31. Frustração por não ter material, aula foge do planejamento;

32. Organização da escola facilita o trabalho, possível investimento quando isso ocorre;
33. Como a direção enxerga e apóia ou não a Educação Física, influenciará positiva-negativamente o professor;
34. Parte cultural de que a Educação Física não tem importância, já existente na escola/alunos;
35. Assim, difícil retomar uma aula de verdade quando eles sempre tiveram a aula sem proposta;
36. Oportunidade de discutir, relacionar e solucionar problemas com colegas e com a direção, conselhos de classe para solucionar problemas, assim, viabilizando possível investimento;
37. Predisposição a buscar soluções para os problemas encontrados já indicaria um processo de investimento no trabalho docente;
38. Índole para definir professor em um processo de desinvestimento;
39. Falta de cobrança da gestão escolar levaria o professor a se acomodar e ingressar num processo de desinvestimento pedagógico;
40. Falta de “dom” no sentido de existirem ruins profissionais em todas as profissões conhecidas, também existem os mesmos na Educação Física;
41. Falta de comprometimento contribuindo para o desinvestimento pedagógico;
42. Hipótese de que com o tempo de profissão o professor vai relaxando, mas que não se aplica a entrevistada;
43. Mais uma vez a questão da cobrança da escola, exemplificado pela escola particular;
44. Busca de uma autorreflexão para não ingressar em um desinvestimento pedagógico;
45. Se reciclar, buscar novos conhecimentos, estudar mais para fugir do processo de desinvestimento pedagógico, aspectos que contribuem para um investimento;
46. Reflexão (conscientização) sobre a importância da profissão (saúde mental e física) para não se “perder” e deixar a aula livre;
47. Envolvimento com esporte para escolha da profissão como possível investimento pedagógico;
48. Investimento correndo atrás de reflexões e grupos de pesquisa para atualização pessoal e profissional;
49. Entrada no município com gás, onde tudo parecia novo, mesmo com tanto tempo de serviço na área da docência, desmistificando a idéia de desinvestimento por tempo de trabalho;
50. Trabalho interdisciplinar como investimento;
51. Importância da Educação Física escolar;
52. Colaboradora cita diversas práticas inovadoras envolvendo diversas noções utilizadas na Educação Física, possível investimento através disso;
53. Tentativa de desmistificar o esportivismo através de atividades variadas, práticas inovadoras;
54. Negociação do futebol, utilizando-o de maneira adaptada que incluía a todos;
55. Investimento através de práticas inovadoras;
56. Desinvestimento, ou falta de investimento, em turmas que “não tem mais jeito”;
57. Avaliação da aula, reflexão juntamente dos alunos, criar significado nas atividades;



58. Acatar sugestões de alunos como uma maneira de “trazer eles para a aula”, de fazê-los investirem em Educação Física;
59. Investimento específico, investe em uma parte, não investe em outra, não necessariamente desinvestindo;
60. Investindo nos alunos mais novos, tu terias resultados melhores com eles maiores e mais velhos;
61. Investir na conscientização dos alunos para o futuro;
62. Reuniões de planejamento: adaptação com as idéias divergentes de colegas de trabalho;
63. Exemplo de professores mais antigos podem contribuir no próprio investimento pedagógico pessoal do professor;
64. Espaço físico precário/divisão do espaço físico - causando possível desinvestimento;
65. Não reconhecimento do espaço físico da Educação Física por outros professores, não reconhecimento da importância da EFI pelos colegas de trabalho/ direção;
66. Reconhecimento da importância da Educação Física como solução para “discriminação da profissão”;
67. Professores mais antigos respeitariam mais a profissão;
68. Desmistificação do “professor bola” como aquele professor tradicional ou então aquele professor que tenta contemplar a todos na sua aula;
69. Investir em estudos, atualizações, ressignificações para não ingressar em processo de desinvestimento pedagógico;